

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

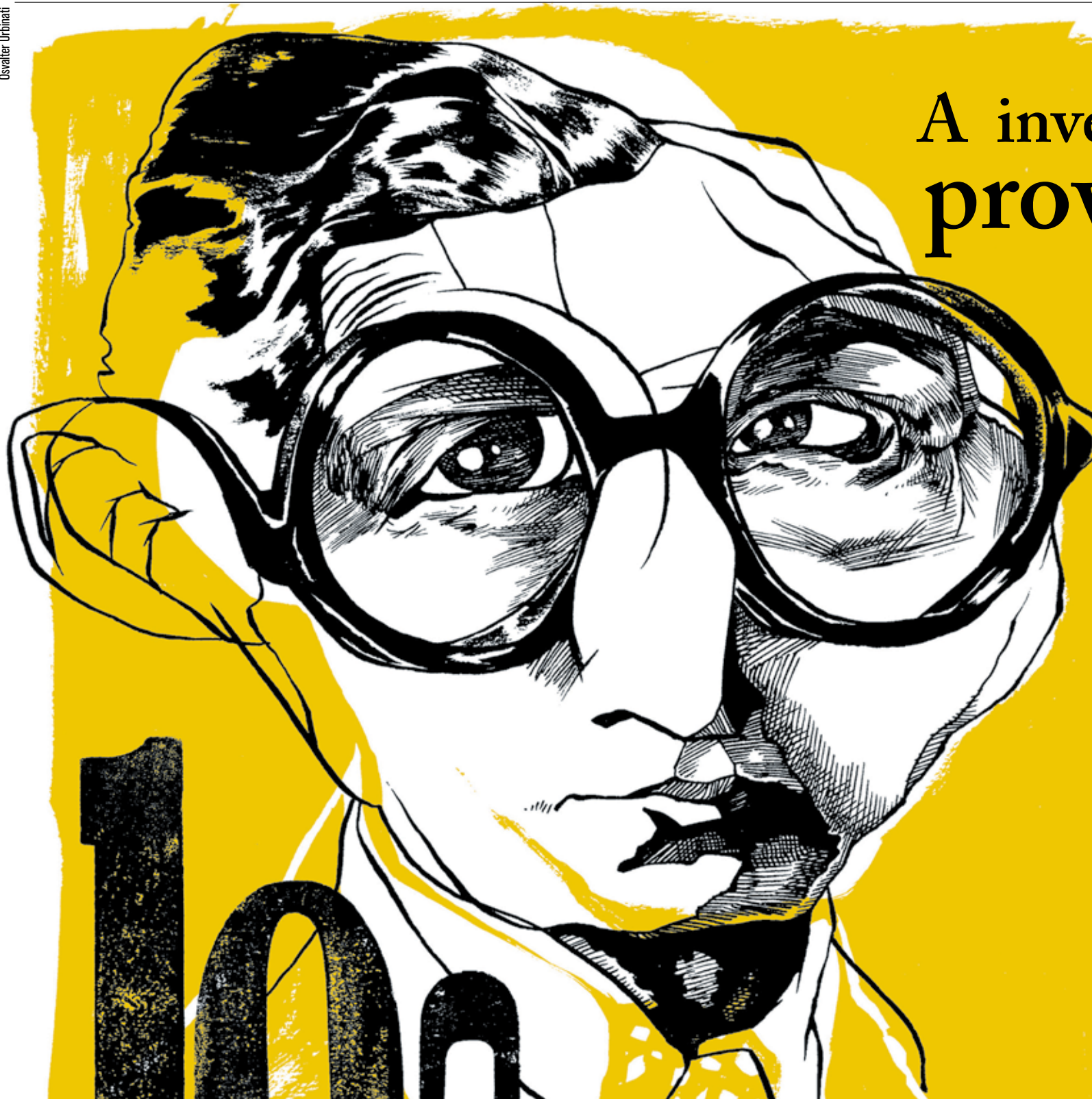
BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

26

SETEMBRO 2013

www.candido.bpp.pr.gov.br

Oswalter Urbinati



A invenção da província

Nascido há cem anos, Newton Sampaio teve toda sua obra publicada postumamente, mas deixou como legado uma postura crítica que modificou a maneira de atuar literariamente de diversos escritores paranaenses

Paraná se emancipou politicamente em 1853, mas o primeiro sinal de vitalidade intelectual no Estado aconteceu apenas décadas depois, devido à atuação de Newton Sampaio. Ele nasceu no dia 10 de setembro de 1913, em Tomazina, e morreu no dia 12 de julho de 1938, na Lapa. Foram apenas 24 anos. Mas nesse brevíssimo período de vida ele conseguiu, sem exagero, chacoalhar, e mesmo, inventar — intelectualmente — a província.

Foi o primeiro escritor moderno do Paraná.

Mais que isso, foi o primeiro a combater o provincianismo e a evitar o elogio ao escritor apenas pelo fato de ele ser uma personalidade da aldeia.

Sampaio procurou e conquistou a independência intelectual.

No centenário de nascimento do escritor, o **Cândido** apresenta um dossiê sobre a vida e a obra de Newton Sampaio. Luiz Rebinski Júnior fez um levantamento do percurso do sujeito que nasceu no interior do Paraná, passou por Curitiba e migrou para o Rio de Janeiro, onde estudou medicina, escreveu e publicou contos e artigos em jornais. O irmão do autor, Pedro Sampaio, e Lilian Guinski, autora de uma dissertação de mestrado sobre a trajetória de Sampaio, foram entrevistados.

O doutor em Letras e professor da Universidade Federal do Paraná, Luís Bueno, produziu ensaio contextualizando Sampaio no período em que ele esteve inserido. Para o estudioso, Sampaio, devido à sua liberdade de pensamento, garante uma “posição de permanência na literatura brasileira, capaz de fecundar o que se fez de mais renovador em seu Estado de origem nas décadas seguintes”.

O jornalista e contista Marcio Renato dos Santos conta como conheceu a obra de Sampaio e de que maneira produziu uma dissertação de mestrado a respeito do legado intelectual do contista paranaense.

A edição também publica dois contos do autor. “Quinze minutos”, de *Irmandade* (1938), o livro preferido de Dalton Trevisan, e “Caco de gente”, de *Contos do sertão paranaense* (1939), a obra favorita do crítico literário Wilson Martins (1921-2010).

Enfim, um especial sobre esse autor, na definição de Luís Bueno, “um menino de cem anos”.

Boa leitura.

CARTUM Dahmer

LIVROS QUE RESUMEM O BRASIL



- Eles me surraram com um exemplar de “Brasil: Nunca Mais”!

BIBLIOTECA AFETIVA

Leio muito no metrô. Então esta é a primeira lembrança: interromper a leitura, fechar o livro e rir por dentro. *Pornopopéia* (2008), de Reinaldo Moraes, já nasceu clássico. Sua leitura inteligente e bem humorada e, portanto, livre do mundo, combina de modo irresistível sofisticação e pé na jaca, erudição e pneuzinhos líricos contraponto crucial à deserotização das mulheres frutas e das escritas vazias. Caso único de catatau que pode ser lido de uma tacada, não há uma frase sequer ao longo das quase quinhentas páginas de *Pornopopéia* que não estejam vivas. É assombroso.

Marcelo Montenegro é poeta, autor de *Orfanato portátil* (2003) e *Garagem lírica* (2012). Trabalha como roteirista de ficção, tendo escrito para diversos canais como *HBO*, *Sony*, *Globo* e *MTV*. Nasceu e vive em São Caetano do Sul (SP).

Foto: Paola de Orte



Assim falava *Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche, foi, sem dúvida, um divisor de águas em minha vida. “Um livro para todos e para ninguém”, segundo o próprio autor. Poético, me mostrou o valor estético das ideias. Filosófico, disse, sem meias palavras, que tudo pode ser suplantado. Político, imprimiu a dúvida em minha alma. Humano, tirou o véu que encobria minha visão sobre tudo o que podemos fazer de/com nossas vidas. Certo, colocou a responsabilidade em minhas mãos. Desde então, nunca mais fui o mesmo.

Ulisses Galletto é músico do grupo FATO, doutor em história pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e desenhista de som para cinema e tevê. Vive em Curitiba (PR).

Divulgação



EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da **Biblioteca Pública do Paraná**



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

Guilherme Magalhães, Thais Reis Oliveira e Mellissa Saldanha.

Fotografia:

Kraw Penas e Guilherme Pupo.

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

André Dahmer, Diego Gerlach, DW Ribatski, Eduardo Sterzi, Fausto Fawcett, Fabiano Calixto, Klaus Koti, Luís Bueno, Oscar Nakasato, Osvalter Urbinati, Rômulo D'Hipólito, ReNato Bittencourt e Tiago Lacerda.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 — Curitiba — PR.
Horário de funcionamento:
segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

BPP instala em Paranaguá sua primeira sucursal



A Biblioteca Pública Mário Lobo, em Paranaguá, deu início às suas atividades no último dia 19. Primeira sucursal da Biblioteca Pública do Paraná, o espaço foi viabilizado pela Lei Rouanet, em parceria com o Ministério da Cultura, Renault do Brasil, Copel e Terminal de Contêineres de Paranaguá (TCP). Com projeto executado pela Associação

dos Amigos da BPP, a biblioteca ganhou acervo bibliográfico de 10 mil volumes, entre livros de literatura, história, geografia e artes. Uma semana cultural com palestras, oficinas e atividades musicais e teatrais marcou a inauguração, contando com abertura do escritor Affonso Romano de Sant'Anna. A BPML funciona na Rua Dos Expedicionários, 269.

Novos Marcadores

Já está circulando a segunda edição da "Coleção de Marcadores de Página da BPP". Os novos exemplares trazem caricaturas de quatro grandes escritores da literatura nacional e estrangeira: Jamil Snege (por Robson Vilalba), Clarice Lispector (por Rogério Coelho), Graciliano Ramos (por Osvalter Urbinati) e o irlandês Samuel Beckett (por Samuel Casal). Com tiragem de oito mil exemplares (dois mil para cada autor), os marcadores são distribuídos gratuitamente no balcão de empréstimos da BPP. A cada seis meses, uma nova edição da "Coleção BPP de Marcadores de Página" será lançada, com outros autores e ilustradores. A primeira edição homenageou os escritores Paulo Leminski, Nelson Rodrigues, Helena Kolody, Jorge Amado e Machado de Assis.



Oficina de narrativa experimental com André Sant'Anna

Divulgação



Seguem abertas até 5 de setembro as inscrições para a próxima edição da "Oficina BPP de Criação Literária". O convidado deste mês é o escritor mineiro André Sant'Anna, que abordará o tema "Narrativa Experimental". Durante a oficina, serão

discutidas as várias linguagens possíveis na literatura. O encontro acontece entre 10 e 12, das 14h às 18h. Para participar, é preciso enviar um breve currículo e um conto de até duas laudas para o email oficina@bpp.pr.gov.br.



3ª Flim terá Daniel Galera, Eliane Brum e Ilan Brenman

Acontece entre os dias 21 e 26 de outubro a terceira edição da Festa Literária do Medianeira (Flim), realizada pelo Colégio Medianeira, em Curitiba. Ilan Brenman, escritor israelense radicado no Brasil, abre a programação com uma palestra na noite do dia 21. Os escritores Daniel Galera e Eliane Brum também farão palestras. Estão programados ainda bate-papos com escritores locais, entre eles Luiz Andrioli, Paulo Venturilli e Marcelo Sandmann, uma oficina de criação literária com Ricardo Corona e um *show* de encerramento, no dia 26, com Juliana Cortes

Cronista lança novo livro

Asa de sereia é o título do próximo livro de crônicas do escritor e jornalista curitibano Luís Henrique Pellanda. O terceiro livro do autor está previsto para outubro, será publicado pela editora Arquipélago e reúne textos publicados em diversos veículos, entre eles os jornais *Gazeta do Povo* e *Suplemento Pernambuco*, o site *Vida Breve* e a revista *Topview*. Segundo Pellanda, as crônicas falam de personagens que se cruzam por Curitiba e daquilo que ele considera ser "a invulgaridade do cotidiano". "Não acho que o dia a dia seja banal, pelo contrário", afirma.



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Fotos: Guilherme Pupo

Luci Collin



Experimental é uma palavra que costuma ser associada ao nome de Luci Collin. Afinal, a escritora curitibana, autora de 13 obras, diz gostar de ultrapassar barreiras e quebrar regras enquanto produz um texto literário. Ela foi a quinta convidada do projeto “Um escritor na Biblioteca” em 2013, no encontro mediado pela jornalista Mariana Sanchez. Luci estreou com o livro de poesia *Estarrecer* (1984) e seguiu a escrever e a publicar poemas durante mais de uma década. Em 2004, *Inescritos* revelou contos com uma linguagem apuradíssima. *Vozesnumdivertimento* e *Acasos pensados*, ambos de 2008, confirmaram a opção da autora pelo conto inventivo. Luci foi selecionada, pelo escritor Luiz Ruffato, para a coletânea *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. “Quando entendi que a minha natureza é de artista, não soube, de imediato, qual seria a linguagem com a qual eu conseguiria me expressar. Fui para a música e depois cheguei à literatura. Mas, desde sempre, a minha natureza sempre foi essa, a literária, bastava apenas eu descobrir”, comentou, durante o encontro, a autora, que tem formação musical e atua como professora na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Luci falou sobre a sua iniciação na leitura, com apenas 4 anos, e ressaltou a importância da Biblioteca Pública do Paraná em sua formação. “Lembro das primeiras vezes em que vim à BPP para fazer trabalhos, afinal, antigamente não tinha internet. Íamos a bibliotecas para pesquisar em enciclopédias e tudo mais, e isso foi muito emocionante para mim. Estando aqui, eu via as pessoas saindo com livros nos braços, e não entendia. Achava que não podia tirar os livros. Nunca tive coragem de fazer uma carteirinha da BPP”, disse a autora do romance *Com que se pode jogar* (2011) e do recém-publicado livro de poemas *Trato de silêncios*. Confira, a seguir, os principais momentos do bate-papo.

“Se sou considerada transgressora, talvez seja por causa da minha essência. Sinceramente, não me fascina muito repetir regras.”

Jorge Amado aos quatro anos

A minha mãe era professora e desenvolveu um método para alfabetizar crianças que tinham dificuldades de aprendizado. Ficava assistindo, fascinada, aquelas aulas: fazia-se uns sinais, somava-se e saía uma palavra. Era uma técnica diferente e eu achava genial. Demorei um pouco para entender que eu mesma poderia fazer os sinais, que eram sempre iguais, ou seja: aprendi a ler antes de escrever. Só que eu pensava que ler era uma coisa proibida, que ninguém lia com quatro anos. Então, resolvi ler escondida. Abri um livro que tinha lá em casa, e era do Jorge Amado. Minha mãe até hoje conta que eu acordava mais cedo que meus pais, seguia para o escritório, me escondia dentro de um móvel e, como era pequena, entrava e ficava por lá. Esse era o ritual que eu fazia para ter acesso ao que, naquele contexto, era proibido.

A curiosa Luci

Teve um dia em que cheguei em casa e perguntei: o que é rameira? Ficaram chocados. Como alguém poderia ter ensinado uma coisa dessas para mim. Aliás, naquela época, eu não podia nada, não por culpa da família em si, mas na década de 1960 a gente não podia muita coisa. Vocês podem imaginar como era? A educação era completamente diferente. Não havia muita liberdade. E existiam as palavras proibidas. Ao me perguntarem como tinha descoberto a palavra rameira, contei que tinha lido em um livro. Mostrei o livro para minha mãe, apontando onde esta-

va a palavra rameira e, lá em casa, ficaram rindo e orgulhosos porque eu estava lendo. E assim teve início a minha relação com as palavras. Fiquei muito feliz porque vi que não era nada criminoso, que podia ler sem problemas. Meus familiares até me exibiam para os amigos falando que eu sabia ler, ou seja, virei atração.

BPP

Sempre tive uma reverência muito grande por bibliotecas, em especial por esta, a Biblioteca Pública do Paraná (BPP) que, por ser a maior da cidade, e do Estado, sempre me pareceu um lugar sagrado. Quando eu era criança, naturalmente, a gente não tinha tanta liberdade de ir e vir, de se locomover pela cidade. Ir à BPP tinha toda uma questão ritualística. Lembro das primeiras vezes em que eu vim aqui para fazer trabalhos, afinal, antigamente não tinha internet. Íamos a bibliotecas para pesquisar em enciclopédias e tudo mais, e isso foi muito emocionante para mim. Estando aqui, via as pessoas saindo com livros nos braços, e não entendia. Achava que não podia tirar os livros. Nunca tive coragem de fazer uma carteirinha da BPP. Eu vinha muito, mas jamais tirei um livro daqui. Ficacionalizava algumas histórias como andar de ônibus e ter o livro roubado. Imaginava que não tinha outros livros iguais e que, uma vez perdido, tal livro iria sumir para sempre. Lembro que tinha taquicardia quando achava clássicos: sentava e ficava horas lendo, mas jamais levava os livros para casa.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Verdes anos

Na década de 1980, durante os meus anos de formação, Curitiba era muito diferente do que é hoje. Quando acontecia qualquer evento relacionado à cultura, eu conferia. Aqui, na BPP, era onde aconteciam os eventos mais interessantes da cidade. Lembro de ter presenciado alguns encontros da primeira edição do projeto “Um escritor na Biblioteca”, em que Paulo Leminski e Ignácio de Loyola Brandão participaram. O fato de você poder ver o escritor era e é maravilhoso. Afinal, o autor às vezes parecia, e ainda parece, ser somente aquele nome na capa do livro. Hoje isso é diferente, mas naquela época era um grande mistério você poder ouvir, e ver, um escritor.

Cooperada

Em 1984, eu estudava piano no Curso Superior da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) e, naquele momento, idealizamos uma cooperativa de artes que, inclusive, foi a primeira do Brasil. Cheguei a presidir a entidade por dois anos. A ideia era unir e integrar vários artistas jovens que tinham vontade de trabalhar com arte. Éramos setenta cooperados, fazíamos espetáculos e era possível sair da sua posição de artista e fazer de tudo um pouco. Varríamos o chão, vendíamos ingressos e era muito estimulante.

Uma subversão

Estreei, em 1984, com um livro de poesia, o *Estarrecer*. Depois, flertei com o teatro. Apresentei aqui na BPP uma peça, da qual nem lembro o nome. Ainda bem que tudo aquilo se perdeu. Fui chamada para depor na Polícia Federal. Minha peça seria censurada por causa de uma palavra, considerada gravíssima e que não poderia ser pronunciada em público. A palavra era gonorreia. Tentei argumentar com as autoridades, mas a palavra teria que ser omitida porque,

de acordo com os censores, “era uma indecência”. De todo modo, apresentei, aqui neste mesmo auditório, aquela peça. Tentei usar diversos recursos naquele texto teatral, quis experimentar ao máximo. Uma semana antes da estreia, os atores foram embora. Ninguém queria participar da montagem. Os ingressos estavam vendidos e, devido a essa situação, decidi que eu mesma iria atuar. Chegou o dia da apresentação e havia 80 pessoas, o que, para a Curitiba dos anos 1980, era uma multidão. À medida que eu ia apresentando sozinha o texto da peça, dava para notar que várias pessoas levantavam e saíam. De repente, tinha apenas uma pessoa na plateia. Era um tio meu, e eu nem sabia que ele gostava tanto assim de mim. Mas, fiquei sabendo depois, ele só estava fazendo hora e, por coincidência, sentou, achou bem confortável a cadeira e ficou até o fim. Enfim, sou muito grata à BPP, porque nesses anos de formação vi o sucesso de várias pessoas e também presenciei, aqui mesmo, o meu próprio fracasso.

Dona Helena

Quando comecei a escrever, tinha 17 anos e gostaria de ouvir, mesmo morrendo de vergonha, a voz de um especialista. Mas naquela época era muito difícil. Hoje você manda um e-mail com anexo e pede a leitura, mas naquele tempo era uma epopeia, além do quê, havia medo de tudo, ninguém queria constranger ninguém. No entanto, a minha madrinha tinha sido aluna da Helena Kolody (1912-2004). Não sei se é possível explicar, mas, em Curitiba, era Deus no céu e Helena Kolody na Terra. Quando minha madrinha disse que levaria os meus originais para a Dona Helena, quase morri. Eu não podia imaginar que Dona Helena pudesse ser tão generosa, acessível, de uma bondade grande, transparente, muito calorosa, uma pessoa, enfim, extraordinária.

“Sempre tive uma reverência muito grande por bibliotecas, especial por esta, a Biblioteca Pública do Paraná (BPP) que, por ser a maior da cidade, e do Estado, sempre me pareceu um lugar sagrado.”

Dona Helena, então, me ligou e pediu que eu fosse até o apartamento onde ela morava. Fui lá e ela me acolheu desde o primeiro encontro. Tive a oportunidade de vivenciar verdadeiras aulas de poesia. Ela me dava dicas, sempre com muita generosidade.

Jornal do Estarrecer

Um dia me peguei pensando em como mostraria meu trabalho poético, uma vez que eu era uma ilustre desconhecida. Gostaria de saber o que os outros escritores pensavam da minha poesia. O nome do meu primeiro livro era *Estarrecer*. Então, inventei o *Jornal do Estarrecer*, que se tratava de uma compilação de opiniões, favoráveis ou não, a respeito dos meus versos. Coloquei ali os fragmentos dessas críticas, de autores locais e de outras partes do Brasil. Fui coletando esses pontos de vista e foi muito legal porque, para a Curitiba da época, chegou um momento em que todo mundo queria participar do jornalzinho. Foi uma experiência que, entre outros benefícios, fez com que eu conhecesse outras pessoas que escreviam poesia.

Professor Pilotto

Em um dos encontros com a Dona Helena, ela falou que eu precisava conhecer a obra do Jorge de Lima e, na minha frente, telefonou para o Erasmo Pilotto (1910-1992), dizendo que eu iria até lá. De fato, fui até a casa dele, que me recebeu e me passou livros do Jorge de Lima. Inclusive, tenho até hoje

a edição que ele me presenteou. O professor Pilotto tinha uma biblioteca de dois andares. No primeiro andar, havia 2,5 mil livros, principalmente de filosofia e teoria. Fiquei impressionada com aquilo. Então, ele perguntou se eu queria conhecer o segundo andar. Lá, havia a mesma quantidade, porém, eram romances, contos e obras poéticas. Fiquei extasiada. Foi uma experiência inesquecível.

Música e literatura

Durante anos me dediquei à música, o que, para mim, acabou sendo algo lucrativo do ponto de vista emocional e também intelectualmente. A prática e o estudo da música exigem tanto quanto as outras artes. Eu estudava literatura enquanto era aluna de música. Afinal, o ritmo, as frases, que a gente chama de frases melódicas, tudo isso existe na música e na literatura. A noção de enredo, que pensamos que vem da literatura, está muito presente na música.

Natureza de artista

Dia desses, vi uma lagartixa em minha casa e fiquei observando que ela realizava, de fato, a sua natureza de lagartixa: ela é muito tranquila sendo ela mesma. A lagartixa fica horas parada, como um gato ou um cachorro, diferentemente de nós, seres humanos, que levamos anos até entender a nossa própria natureza. Quando entendi que a minha natureza é de artista, não soube, de imediato, qual seria a linguagem com a qual eu conseguiria me expressar. Fui para a música e depois cheguei à literatura.



Mas, desde sempre, a minha natureza sempre foi essa, a literária, bastava apenas eu descobrir.

Linguagem e enredo

Sempre gostei de ultrapassar limites durante a produção de um texto. Gosto de brincar e forçar os limites, mas não porque eu tenha deliberadamente vontade de romper. Isso acaba aconte-

cendo naturalmente, faz parte de minha expressão. Gosto, realmente, de sempre empurrar um pouquinho, de avançar cada vez mais.

Tédio acadêmico

Trabalho no meio acadêmico, é o meu ganha-pão. Então, uma vez escrevi um conto, com viés satírico, sobre um cientista “furado”. Foi uma brinca-

deira com o meio acadêmico. Afinal, nesse meio há muita competição. Você tem que pontuar a partir da publicação de artigos e, por isso, é necessário sempre estar publicando. E, como sempre me dei muito mal com as regras, escrevi um conto que é uma paródia da forma acadêmica de escrever. O conto tem várias páginas, é um trabalho acadêmico que não diz nada com coisa nenhuma. O personagem

se apresenta como erudito, usa expressões aparentemente impressionantes, vale-se de citações, notas de rodapé, mas a sua preocupação maior é apenas pontuar, academicamente falando. Evidentemente que é uma provocação pesada, porque fala de toda uma produção que às vezes vai se esvaziando. Então, digamos que o conto desagradou muitas pessoas.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Humor

Nunca fiz humor para ser engraçada, nem esperei que alguém desse risada das coisas que escrevo. Pelo contrário. Tenho um tratamento de ironia, de satirizar certas coisas, sempre com a ideia da reflexão, de tentar fazer com que o leitor pare para pensar em quais perguntas o texto coloca. Nunca pensei em dar respostas. Quem sou eu para fazer isso? Mas gosto, sim, de ter essa noção de que meu leitor não precisa sair afundado do texto. Afinal, se o tema é forte, com o humor, você ainda está alegrando o seu leitor, pois está o aproximando de um tema essencial. Sempre me pareceu muito chato o texto que quer ser uma experiência acabada. Textos que prometem revelar verdades, para mim, são muito chatos. Quer dizer, espero que a minha literatura seja objeto de perguntas, que as pessoas se perguntem o que eu quis dizer com determinado texto.

Mulheres na literatura

Geralmente, quando sou convidada para algum evento literário e tem mais de duas mulheres na mesma mesa, é fatal: o tema será literatura feminina. Comecei a ficar incomodada com isso. Então, participei de uma mesa com a Ivana Arruda Leite, contista e grande amiga. Estávamos incomodadas com esse negócio, a chamada literatura feminina. Naquela época, um jornal estava produzindo uma matéria sobre literatura feminina e me pediram um depoimento. Liguei o computador, abri um documento de word e fiquei sentada, por horas, pensando no que escrever. Cheguei à conclusão de que eu não sabia falar sobre literatura feminina porque não sei o que é literatura feminina. Fiquei agoniada. Não sabia o que fazer. Resolvi, então, fazer o que eu sabia. Decidi escrever um conto sobre literatura feminina. O editor teve um trabalho imenso, quase não conseguiu incluir o conto, mas no final

deu certo. Naquele conto, inventei uma entrevistada, que era presidente de uma União Nacional de Autoras Femininas, uma associação bem-sucedida. Na minha ficção, existe um ministro para assuntos de gênero, que teria destinado milhões para a literatura feminina porque a masculina é uma chatice, tratam sempre da mesma coisa, e, por isso, os leitores teriam abandonado os autores homens. Fiz uma provocação, que toca em uma questão visceral. Você compra uma antologia em qualquer lugar do mundo e, se tiver quinze autores, somente três, no máximo, serão mulheres. Confesso que não sou feminista, mas o próprio fato de ser uma mulher escritora já é uma questão política, do próprio feminismo. Já estou aqui, neste evento, e não preciso ficar levantando bandeira.

Transgressão e ousadia

Ser chamada de transgressora não é assim tão mal. Podiam me chamar de coisas piores, aí sim seria muito grave. É bacana e tem um certo charme. Quem resolve transgredir vai contra alguma coisa institucionalizada, gosto disso. Mas nunca fiz o tipo “hoje eu quero transgredir muito”, não é intencional. Apenas sigo a minha voz. Existem certas coisas, no entanto, que não me dizem nada, por exemplo, você ter uma pretensão de querer mudar o mundo por meio da literatura. Acho que você até pode mudar alguma coisa, mas eu vejo que a literatura também pode ser outras coisas. Lembro que uma vez fui a um encontro literário com autores famosos, badalados pela imprensa, em São Paulo. Não sei o que estava fazendo ali, também, pelo fato de ser a única mulher. Eram três escritores premiados, consagrados, e um deles chegou dizendo que leu a obra de Freud inteira para poder escrever um parágrafo. Me senti diminuída, eu não tinha lido a obra completa de Freud. O segundo autor disse que havia lançado um livro e, no dia seguinte, foi às ruas e nada havia mudado.



Pensei comigo mesma que, ainda bem, afinal, se eu sair às ruas no dia seguinte de um lançamento e tiver mudado tudo, começaria a me preocupar. O terceiro escritor falou que em sua literatura existia uma grande dimensão do homem, porque ele via a miséria humana todos os dias. Fiquei me perguntando: o que eu poderia falar? Afinal, eu não via a miséria todos os dias: de vez em quando topo com alguma coisa poética, graças a Deus. Cheguei à conclusão de que deveria ser sincera e dizer o que eu faço. A minha dimensão também en-

globa uma coisa da alegria, da reverência, ela pode ser triste, trabalho muito com situações de perda, de substituição ou do não ter como substituir. Há então, na minha literatura, uma dimensão de dor e tudo mais, mas também existe um outro lado da própria reverência da vida. Então, por que não explorar também essas outras possibilidades?

Não repetir regras

Minha transgressão maior é justamente não me impor a esse modelo que vê a literatura, a arte enfim, como algo

que vai salvar o mundo. Se sou considerada transgressora, talvez seja por causa da minha essência. Sinceramente, não me fascina muito repetir regras. Então, vamos quebrá-las, vamos experimentar algumas coisas, vamos empurrar até o limite. E, às vezes, esse limite é muito mais engraçado, patético, mas ainda sim interessa, leva à reflexão. Afinal, se você somente reafirmar certas coisas, está chamando o leitor de burro. Não gosto disso. Acho que temos que compor alguma coisa como escritor. Não vou chegar de cima para baixo pedindo que vejam as gran-

des verdades do mundo, verdades existenciais que estou escrevendo. Isso para mim não serve. Cada um, enfim, faz literatura do jeito que mais gosta.

O preço do experimentalismo

Tenho 13 livros publicados e muito poucas premiações. Quer dizer que, essa coisa de ser transgressor passa por isso. Tinha uma época em que eu até participava de concursos, porém, de uns tempos para cá, tenho usado o meu tempo para escrever.

O que é escrever?

Cada um deve encontrar o seu método. Antes de tudo, ler sempre estimula. O fato de ler já é por si só grandioso, imprescindível. O escritor precisa ler muito, conhecer o que está sendo dito e escrito. Depois, é fundamental pensar em uma questão: o que é que você vai falar? Ou seja, o escritor precisa refletir a respeito de sua intenção, da maneira como ele pretende dizer as coisas. Evidentemente, é necessário escrever e publicar, mostrar o trabalho. É comovente, para mim, perceber que hoje a literatura tem prestígio, o que não acontecia quando eu estava estreando. Agora, há dezenas de concursos, editoras e jornais que abrem espaço para novos autores. Mas, cada escritor tem a sua essência e tem de entender isso. Quem escreve precisa apurar os sentidos para perceber o mundo ao redor. Afinal, o escritor é um condutor que vai transpor emoções e imagens. Então, se você quer ser um escritor, precisa, mais do que tudo, observar. Depois disso, elabora a maneira de dizer, trabalha a linguagem, e passa a praticar, muito, continuamente. É preciso cultivar, brincar e se envolver com a palavra. A palavra será muito importante para o escritor. ■

“Espero que a minha literatura seja objeto de perguntas, que as pessoas se perguntem o que eu quis dizer com determinado texto.”



Luci Collin e a jornalista Mariana Sanchez durante o quinto encontro do projeto "Um Escritor na Biblioteca" em 2013.

Estou sozinho. Lembro-me de que esta manhã, quando os beije, lamentei não poder ir junto. Fiquei parado na plataforma do terminal de ônibus, acenando, incapaz de perceber o que é ficar quando os outros se vão. Para mim, a ausência é uma experiência inédita.

Sozinho. E perplexo, com um copo na mão e Mozart no aparelho de som, descubro que não ter ido significou ficar com. Sexta-feira, quando pegar o carro e vencer os trezentos e tantos quilômetros que me separam de minha esposa e de meus filhos, estarei finalmente deixando-os para encontrá-los. Então poderei abraçá-los, beijá-los, sentir que existem além da ideia. Ou talvez telefone para a fazenda dizendo que não irei porque para sexta-feira faltam apenas dois dias e não sei aonde me levará a companhia da ausência.

Esta ausência que me preenche de forma ainda indefinida. Tento entender o que, aos poucos, sem ter buscado, surge. Sinto um leve temor de que transborde e não saiba o que fazer. Se transbordar, perderei o que estou ganhando sem conquistar? Preciso aprender a estar só sem transbordar. Essa será a minha conquista.

Beber uísque e ouvir Mozart é um requinte. Mesmo longe dos olhos do mundo, mantenho essa característica que me distingue dos ordinários. E da janela do apartamento decorado com quadros e móveis caros, vejo as luzes da cidade com certo fastio.

Longe, depois dos trilhos de trem, onde vejo poucas luzes, lá vivia a minha gente. Quando nasci, os anjos disseram amém. E caminhei bastante, dia após dia, ano após ano, e atravessei os trilhos. Continuei caminhando e cheguei a este apartamento, de onde não se ouvem os trens.

Beber uísque é um requinte, mas devo parar de beber porque quero estar absolutamente sóbrio para a minha con-

quista. Deixo a janela e coloco o copo na mesinha de centro. Deito-me no sofá sem o cuidado de deixar os sapatos fora. Dora sempre pede, mas se na sua presença é a minha que se impõe, na sua ausência é muito mais fácil ignorá-la. E ela pede tão pouco. Desde o namoro, como se temesse não ser atendida e então precisasse baixar os olhos, humilhada, incapaz de levantar a voz ou dizer pela segunda vez.

Eleodora, minha esposa, como a apresento aos amigos do escritório e do clube. E ela fica ao meu lado, bonita, calada, esposa. Ela distante, e assim a vejo, e sinto pena de sua beleza inexpressiva. Deve estar ocupada com os meninos, ajudando na cozinha e preocupada em ser gentil com a tia. É mais tarde, quando todos já tiverem se recolhido, ela estará em frente ao espelho, cansada, satisfeita.

Essa Eleodora que me faz companhia eu sempre a conheci? Casei-me com uma mulher bonita, mas todos os homens desejam as mulheres bonitas. E ela estava naquela mesa de bar como se estivesse esperando toda a vida. Suas companheiras falando muito, e ela, calada, esperando para que eu a tirasse daquele lugar, daquela cerveja que tomava sem gostar.

Mais tarde, quando todos já tiverem se recolhido, ela estará em frente ao espelho, cansada, satisfeita. E eu? Eu estarei aniquilado. Preciso desistir e ligar a televisão para assistir a algum filme e me salvar. Mas já é tarde. E amanhã preciso acordar às oito horas, tomar o meu banho, fazer a barba e ir ao meu escritório. Amanhã ainda serei um advogado? Encontrarei nas páginas do código civil, nos compromissos de minha agenda ou no meio de algum processo o que estou perdendo agora? ... Perder é conhecer o que não pensávamos existir, perder é achar o que não procuramos.

Mas neste momento preciso permanecer assim, quieto, deitado no sofá,

HOMEM NO SOFÁ COM OS SAPATOS FORA

agora com os sapatos fora, porque algo inédito me transpõe para fora de mim e eu me vejo como Dora me vê: um homem no sofá com os sapatos fora. E ela ama o homem que descubro agora. Mudo um pouco a posição, fico meio de lado, como alguém que se arruma para uma fotografia. Sim, eu aprovo o homem que ela ama. Mas ele não é somente esse homem deitado no sofá com os sapatos fora, e eu preciso vê-lo em outros lugares. Ela ama todos os homens que ainda conhecerei esta noite?

Sinto fome. Olho o relógio da parede. Há vinte minutos eu pedi uma pizza. Saberei ainda comer uma pizza? Eu costumava levar Dora e os meninos à pizzaria quando morávamos no apartamento menor e não bebia uísque. As crianças ficavam sentadas naquelas cadeirinhas que toda pizzaria tem. O maior se divertia fazendo desenhos no prato com a mostarda. Às vezes, passávamos na casa da avó e a levávamos. Então a festa era maior para os meninos. Eu quase chegava a simpatizar com aquela senhora vestida de preto, circunspecta, que esquecia a solitária viuvez e brincava com os netos. Me odiava aquela mulher. Ela me via por trás daqueles óculos redondos e pensava numa maneira de me contrariar.

A avó está morta. No céu, com os anjos, diz Dora aos meninos. No inferno, com os diabinhos, penso em dizer a

eles. E agora os seus olhos de sogra voltam a me censurar. Eu estou em todos os cantos do apartamento e ela pode me encontrar em qualquer um deles. Inútil dispensar um morto que volta. E muitos estão, agora, povoando o meu silêncio. Eles se desnudam à minha frente sem nenhum constrangimento porque sua condição os torna invulneráveis. É injusta essa relação de nudez porque na troca de olhares eu procuro as minhas roupas inutilmente. Mas se os mortos povoam o meu silêncio, os mortos sou eu.

Sim, os mortos sou eu. Não que eu seja eles, pois descubro que a minha maior qualidade é estar vivo, o que me fascina e me assusta. Estou diante de um precipício que não me revela o seu fundo. Devo pular?

Toca o interfone, e o porteiro me avisa que o rapaz da pizza chegou. Digo que ele pode subir e adio a minha decisão. Mas será que eu já não pulei?

Aguardo a campanha tocar tentando me lembrar se sobrou um pouco de suco de laranja do café da manhã.

A surpresa ao ver o rapaz da pizza é a surpresa de me ver no espelho e não me reconhecer. Porque o rapaz da pizza não é um rapaz, é um velho sorridente. E eu não sei como agir diante de um velho-sorridente-entregador de pizzas. Ele está parado na porta e me estende a embalagem de papelão. Ele se apresen-



Ilustração:
Rômolo D'Hipólito

ta a mim como um logro, sabe que eu sei que é um logro, mas finge não saber que eu sei. Por isso me sinto duplamente logrado.

Pago a pizza e dou uma gorjeta ao velho. Ele agradece com um sorriso absolutamente sincero. Fico observando o entregador se dirigir ao elevador de serviço. Sorrio quando ele já não pode mais me ver. Ele não tem culpa se eu pulei e a desorganização me surpreende. Então eu já estou caindo. Quando eu pulei?

Estou caindo, e a agonia que sinto é a agonia de alguém que cai num poço sem fundo. Mas não é um pesadelo. Eu não tropecei, eu pulei. E, pelo menos por enquanto, eu não quero despertar.

Minha queda no meu precipício é lento, colorido e sonoro.

Eu não caio sozinho. Levo comigo minha esposa e meus filhos, meus pais e meus irmãos, meus amigos e Sônia Braga, a Gabriela dos meus devaneios. Eles são como asas que retardam minha descida, mas são incapazes de me levar para cima. Para cima nunca mais, porque os anos vividos me deram peso.

Cair assim como estou caindo me levará a mim. Sim, agora sei que desde o início — quando se deu o início? — estou a conquistar. Conquistar é também perder.

Estou sentado à mesa de tampo de vidro com um pedaço de pizza num prato e um copo de suco de laranja. Mo-

zart se calou e agora ouço o movimento da avenida distante quinze andares.

Vejo através do vidro as minhas pernas de homem saudável. Foi por mim que comprei esta mesa? Uma mesa é somente uma mesa, posso tentar acreditar, mas eu não sou ingênuo. Estou caindo e a mesa me acompanha. Fui eu quem a escolheu na loja porque tinha um tampo de vidro bisotado de 16 milímetros e base de carvalho. Fui eu quem paguei por ela. Comprar algo faz o comprador pertencer àquilo que comprou.


Esta mesa me revela a mim. No canto direito vejo refletida a minha face de cidadão. Afinal, esta mesa sou eu. E agora a levo na minha queda com a culpa de quem possui.

Esta mesa me roubou a parte de mim que eu havia reservado para ser um homem que poderia viver com uma mesa qualquer.

Por fim, esta mesa tem os olhos da avó. Mas agora, por causa da mesa, sei que eu era responsável pelos olhos da avó. Jamais saberei como ela realmente me olhava. Eram meus aqueles olhos desafiadores, cheios de uma luz que eu conseguia ver tão bem, que eu definia tão sabiamente com a minha sabedoria de genro. Ah, como eu era genro! E dizia a todos, maldizia a avó, repetia piadas de sogra, eu, que sempre fora criativo.

Bela mesa que meus olhos não suportam mais. Vou ao sofá, que foi comprado por Dora, foi escolhido por Dora. Nos seus braços macios e silenciosos eu sempre encontro abrigo. Da vida que me persegue. Sua cor suave e seus traços simples me confortam. Mas eu derramo suco de laranja sobre ele. Vejo a mancha crescendo em círculo. Então sinto disparar o coração e me tremer os dedos e me formigar a face. O desespero me paralisa. Quando me ocorre ir à cozinha pegar um pano, a mancha já tem a sua forma definitiva, escura, ameaçadora. Corro, volto com o guardanapo, esfrego o sofá, a mancha clareia um pouco. Mas ela jamais deixará de existir. Ainda que eu a esfregue a noite inteira até eu não conseguir mais enxergá-la, ainda assim a mancha existirá. Não se pode manchar um sofá e querer se eximir da responsabilidade só porque a mancha não aparece mais.

Mas assim farei: esfregarei a mancha até que ela desapareça. E nada direi a ninguém. Não confessarei um crime que não deixará vestígios. ■

 **Oscar Nakasato** nasceu em Maringá (PR), em 1963. Doutor em Literatura Brasileira, é professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Em 2012 venceu o Prêmio Jabuti na categoria romance com *Nihonjin*. Vive em Apucarana (PR).



PERFIL DO LEITOR | MONICA IOZZI

Divulgação



Dona de um olhar geral

O interesse pelo teatro e, mais tarde, o emprego como vendedora em uma livraria aproximaram a repórter do *CQC* do mundo da literatura

OMAR GODOY

Intimada a listar seu Top Five literário, Monica Iozzi não pensa duas vezes: “Para mim, é Shakespeare e o resto da galera”. Formada em Artes Cênicas, a repórter do programa *CQC* conta que se envolveu com a obra do poeta e dramaturgo inglês ainda na adolescência, quando fazia teatro amador em Ribeirão Preto, onde nasceu. “Meu primeiro contato com a literatura realmente adulta foi nessa época. Comecei a emprestar livros de peças na biblioteca pública e, quando descobri Shakespeare, fui atrás de tudo dele que havia disponível. É incrível como ele tem a capacidade de falar de qualquer assunto com uma linguagem cheia de beleza e sutileza.”

Quanto ao “resto da galera”, Monica cita Charles Dickens (“*Oliver Twist* foi a primeira peça que fiz, aos 10 anos”), Vinicius de Moraes (“Gosto de ver a delicadeza num homem”), Cecília Meireles (“Ainda não alcancei tudo o que ela quer dizer, mas continuo insistindo”) e Jane Austen (“A vida dela também me encanta, além da obra”). Austen, inclusive, enca-

beça outra lista de prediletos da atriz, só com escritoras. Fã de nomes como Gertrude Stein, Florbela Espanca e Virginia Woolf, ela se interessa, especialmente, pelos relatos do cotidiano das mulheres de outras gerações.

Monica, no entanto, não acredita na existência de uma “literatura feminina”. “O que acontece é que, culturalmente, o protagonista das grandes obras é quase sempre um homem. Mas isso não significa que um livro com uma mulher como personagem principal, ou mesmo escrito por uma autora, seja voltada apenas para o público feminino”, afirma.

Coincidência ou não, seu primeiro texto para teatro, ainda em produção, é centrado em figuras femininas. Trata-se de uma peça sobre duas irmãs que se reencontram em sua cidade natal após a morte do pai. Em meio à arrumação da antiga casa da família, elas ficam presas no porão e acabam resgatando memórias nem sempre agradáveis. “O tema da família permite que você explore elementos como raiva, doçura, mágoa, humor, etc.”, explica a atriz, que também assina uma coluna mensal sobre política na revista *Status*.

Vendendo livro

Se a aproximação com o teatro foi decisiva para sua trajetória como leitora, o emprego numa livraria, anos mais tarde, contribuiu para consolidar essa “relação”. Recém-formada, sem emprego e radicada numa nova cidade (São Paulo), Monica conta que só conseguiu sair de uma depressão quando virou vendedora



de uma grande rede. Além de conhecer pessoas diferentes e se sentir útil, ela ganhou o que chama de “olhar geral”. “Tive acesso não só à literatura, mas também a campos como cinema, música, arquitetura, artes plásticas, moda e até quadriminhos”, lembra a atriz, que podia emprestar livros da loja, desde que retornassem intactos.

Já integrada à equipe do *CQC*, e com uma rotina permanente de viagens, ela praticamente só tem tempo de ler no avião. “As revistas de bordo têm boas matérias. Mas o problema é que elas são mensais, então chega no fim do mês e eu já sei todos os textos de cor. Por isso, sempre levo um livro”, diz a repórter, que se surpreende com o apetite literário de seus chefes, os argentinos da empresa Cuatro Cabezas, que produz o programa. “A gente sempre ouve falar que a Argentina tem muitas livrarias, que todo mundo lê. Agora que convivo com alguns argentinos, vejo que eles realmente têm uma relação diferente com os livros”, conta Monica, que no momento lê *Três vidas*, da já citada Gertrude Stein.

E apesar de trabalhar atualmente com comédia, a atriz não costuma passar na seção de humor das livrarias. Para ela, as grandes obras não têm gênero definido — pelo contrário, passeiam por vários estilos. “Veja o caso do Nelson Rodrigues. Ele é dramático, bizarro, crítico, ácido... E acaba sendo engraçado. Acho o Nelson muito mais engraçado que o Luis Fernando Verissimo, por exemplo.” ■



BOTINAS CAMINHEIRAS OU A BORRACHA NA PEDRA

Tenho um nome de estrada, embora não seja tão estradeiro: meus trajetos são antes urbanos. Todavia, sou caminheiro, minhas botinas são muito caminheiras no perímetro da urbe. Dentro das botinas, com a trilha diante de mim e muitas trilhas dentro de mim, palmilho o solo de hoje e carrego comigo o mesmo torrão de outro tempo. Fui buscar um documento de antanho na mesma Reitoria de sempre, o mesmo prédio gelado e, conforme a lenda, projetado para o Nordeste do Brasil — mas levantado aqui mesmo, à margem esquerda do nosso subterrâneo rio Belém. Segui no mesmo rumo de há quase 30 anos, o mesmo petit-pavê, as mesmas pedras brancas e pretas que tanto amansei. E com botinas no mesmo modelo semirrústico, feito à mão, com sola de pneu, e este sanfonadinho semiocultando o elástico. Por aquela antiga era, estava oscilando entre o preto e alguma tonalidade do marrom, e agora já faz muitos anos que abandonei definitivamente os calçados na cor do carvão. O que não mudou foi o roteiro pela rua XV de Novembro, o frio do nosso inverno (não vamos considerar o aquecimento global) e o mesmo sol brotando dos fundos da prediaria do Alto da XV, por detrás do bairro mais acima, para me alcançar cá embaixo, batendo de chapa nos meus olhos, que apenas de uma altura em diante se valem de óculos escuros, impondo limites à luz.

Botinas caminheiras já estavam comigo na minha Telêmaco Borba natal. Eram pretas, feitas por meu primo Hélio na sua cidade, tão perto da minha. Ele as manufaturava em uma portinha na praça da matriz de Curitiba, a praça chamada Constante Borges, homenagem a um tio do sapateiro meu primo. Agora quase não piso em minha terra, minhas visitas são esporádicas e acidentais, e ainda assim uma antiga Telêmaco vem a mim amiúde, nos sonhos de avulsas madrugadas, e permanece comigo, é um substrato, abaixo do barro do chão. Na verdade, aquele menino não era muito andejo, e continuo não sendo de deslocamentos em longa distância. Faço o que preciso percorrer no meu dia a dia neste bur-

go, que passou a ser o meu ninho. Quais eram os meus roteiros lá por onde nasci e permaneci até um tanto? O grupo escolar (pré à 1.ª série) e o colégio (5.ª à 8.ª), o botequim (ganha-pão de meu pai) e a chamada livraria (um misto de papelaria e banca de jornal, com o acréscimo de alguns livros — talvez duas ou três dezenas). Pelos 10, 11 anos, fui além dos gibis, cheguei aos livros, repositórios de um vasto mundo muito mais fascinante que o grande mundo trazido pela televisão (Philco Ford, preto e branco, gabinete de madeira). Daí a casa já era estreita, comecei a ser um diferente no seio da família, um esquisito. Algumas vezes, arriscava uma saída depois da janta, ia bater perna nas noites de calor, roteiro fixo incluindo passar por

frente da casa da professora de história, e também diante da morada do professor de português. Na vivenda da professora, janelas fechadas, não se via movimento, enquanto o professor deixava a ventana aberta sobre o verão, da calçada se entrevendo o alto de uma estante abarrotada, muito mais volumes que na livraria da cidade.

Até meus 13 anos, eu era um jeca timidinho de botinas pretas (talvez agora seja um jeca tímido de botinas marrons) e qualquer solitária marcha partia da minha rua de macadame.

Porém, um dia minhas botinas pretas foram realmente conhecer rodovia, chegaram até a atraente capital, vieram bater pedra e asfalto nesta Curitiba em que é possível uma lógica pedestre: é a mesma borracha no solado das minhas botinas e no rodado dos nossos ônibus urbanos. Sou da infantaria blindada. De botinas e de ônibus, vinha do antigo bairro do Portão para o Centro, fazer o segundo grau (ensino médio) no Colégio Estadual do Paraná, bem de frente do Passeio Público. E ainda crescia, ficando mais e mais curioso, buscando carreiros e rotas, e mesmo antes do alistamento militar já estava ingressando na faculdade, na Reitoria (ali perto, poucas quadras), frequentando aulas escrupulosamente — mas precisei gaze-tear no dia do juramento à bandeira. Foi no quartel da praça Osvaldo Cruz e era 1985, o país querendo sair da égide dos militares. Hoje, a fortificação que dominava além de uma quadra abriga um shopping, dos tantos que vemos agora. Foi no seu subsolo que cumprí a relativamente breve cerimônia para receber o meu Certificado de Dispensa de Incorporação. O que houve com a imponente edificação, penso eu, é indicativo da troca da guarda, quem mandava e quem manda no país — os militares e os mercadores.

Batendo na pedra com minhas botinas caminheiras, em uma perdida noite saí da Reitoria pela rua XV até



perto da Boca Maldita, para uma sessão de *O nome da rosa*, estreia em um dos cinemas da Fundação Cultural, o Ritz, ao lado da C&A. O romance do grande intelectual Umberto Eco tanto encantara a nós, meninos livrescos. Com minha pouca malícia, acompanhava uma amiga da faculdade e queria ver a película: pensava ser impossível filmar aquele romance de tantas páginas, história de monges copistas, debates teológicos. Com minhas botinas, fui para a sala escura espiar aqueles homens de sandálias. O filme fez o que precisava fazer, sintetizando a trama teológica, evidenciando o que há de mais universal nesse livro, isto é, a teia de ciúmes, arrogância, altruísmo etc., embalada em um enredo policial dos bons.

E era bom ter uma botina firme no pé: não tanto como na abadia que brotava da tela, em meio à neve, mas era uma noite fria em nossa Curitiba.

Era 12 de junho de 1987, ou 1988. Os ingressos vieram de uma promoção do Dia dos Namorados e eu queria que ela fosse minha namorada. Não foi, mas de certo modo foi, e para todos os efeitos não foi. Foi bom que não fosse — depois pude ver. De dentro de minhas botinas, por fim percebi que bem melhor assim. Minhas botinas me protegeram.

Aconchegado em minhas botinas, naquela noite acompanhei a moça, que trazia uma influência *punk* nos trajes e adereços. Não lembro da roupa propriamente, lembro do cabelo cor de palha e das sobranceiras rapadas para serem refeitas em uma espécie de raio verde desenhado com lápis de maquiagem. Ela, uma moderninha semipunk e eu começando ser o punk franciscano que porventura sou até hoje.

Saímos da sessão para o frio da mesma rua XV batendo tacões de botina e coturno para onde, meu Deus? Fui

solito à praça Rui Barbosa tomar o ônibus de volta para casa ou fomos juntos beber cerveja com nosso pouco dinheiro de estudantes?

E a bordo das botinas caminheiras voltei para a mesma rua XV em outro dia, outra estação, outra temperatura, outra luz, com outras pessoas, depois de uma digressão quase ali na praça Zacarias, por um botequim onde fomos empinar doses de Pitú em uma tarde de mormaço. Era o trote dos calouros e na disponibilidade dos 20 anos víamos a muvuca como quem apenas segue junto da procissão, sem aderir ao mar dos devotos. Depois da cachaça, voltamos ao curso e, de dentro destas cadeiras duras que Deus me deu, simulei dançar um frevo com uma das belas da história, do curso de história, em plena praça Osório, junto do chafariz. Éramos jovens e a alegria nos habitava.

Aquietando e desesperando minhas

EM BUSCA DE CURITIBA | RENATO BITTENCOURT

botinas caminheiras, frequentei a Reitoria por pelo menos 12 anos. Pude fazer dois cursos regulares enquanto aprendia a frequentar os pés-sujos da nossa rive gauche do Belém e, mais ou menos sobre o rio, o café dos Estudantes, ali junto dos fundos do teatro Guaíra, rua Tibagi, defronte ao largo Bittencourt, última lembrança do que foi outrora, no tempo do imperador, o banhado do Bittencourt. Não sei quem foi ele, ainda não sei, mas posso dizer que outro homem com o mesmo nome muito circulou por essas plagas.

E assim, dentro das minhas botinas andarengas, dos meus pensamentos deambulantes, hoje sei que uma cidade é feita de evocações. A memória de si mesmo, a memória do clã, a memória da raça. Quando faço minha trajetória do dia a dia por estas vias manchadas


e mesmo magoadas de história (até da minha história), batendo minhas botinas na pedra e no piche, ando nas duas dimensões, em uma direção apenas: a concreta, tão material quanto a borracha e a pedra, e também vou por essas vielas da memória, que têm a materialidade marcante de um perfume. Percorro a cidade com minhas botinas. Dentro da cidade, dentro de minhas botinas, sou um andarilho. Essa palavra não significa apenas “aquele que anda”. O dicionário registra: “Que ou aquele que anda muito, percorre muitas terras ou anda de forma erradia”. Andarilho é o errante, é o arcano zero do tarô, a criança no mundo, aquele que teatina, gira em roda buscando a própria estrada.

É o que faço, com minhas botinas, na cidade. Busco a perdida cidade da memória na cidade real em que

circulo me desincumbindo do meu dia. Minha jornada laboral nos arrabaldes do Centro, minha noite de estudos nas imediações da rodoviária, por detrás da antiga estação ferroviária, que também se tornou um *shopping center*. Hoje, é nos shoppings que vamos ao cinema, e não na rua. Já não tenho a pequena cidade de minha infância e também não a capital de província da minha primeira juventude. Pelo retorno de Saturno, fui além, fui viver na Corte e lá curti sete anos de pastor, a cuidar de alheio gado.

Voltei, dentro de minhas botinas, voltei para continuar zelando de alheio rebanho nesta nossa Curitiba, que contudo segue mais ou menos a mesma de quando cá aportei. Ainda é possível almoçar feijoada aos sábados no Passeio Público, esbarrar em um conhecido ou amigo (e até um irmão!) no largo da

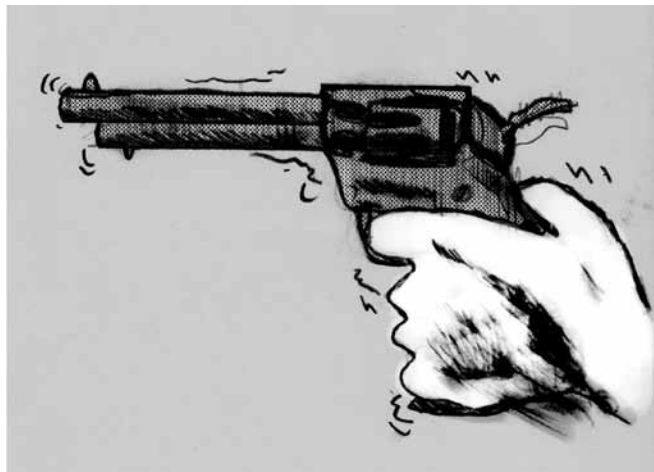
Ordem, a feira *hippie* está cada vez mais imensa, embora com poucos ripongos. Penso que é aqui que realmente sei viver, se é que sei. Aqui há muitos dos meus e posso prosseguir pedestremente, vez por outra fazendo a ronda dos sebos, cortando o cabelo no seu Valdir, almoçando comida caseira na rua São Francisco. É assim que habito a cidade que me habita. E sim: nos finais de semana do verão, uso sandálias franciscanas. ■

 **Renato Bittencourt Gomes** nasceu em Telêmaco Borba (PR), em 1967. É autor dos livros de contos *Mecânica dos fluidos*, *Inventário e descobrimentos* e *Liturgia do sangue*. Vive em Curitiba (PR).

Ilustrações: El Cerdo



POEMA | FABIANO CALIXTO



Ilustrações: **Diego Gerlich**

POETA

O coração do Poeta é um hospital
Onde morreram todos os doentes.
Augusto dos Anjos


Para Helio Neri

Como deve ser o pôr do sol visto de uma casa bombardeada em Sarajevo? Pergunto-me nessa sala vazia, no interior da tarde caída da janela desse mundo transgênico. É uma vida sem lágrimas, tal como a choramos. O impossível do possível, como as fotografias de Manágua liberta na sépia da memória. Na noite passada, cuja forma era a de um uivo de lobo, pensei naquele lance do princípio do cinema em Nossa música: ir até a luz & apontá-la para a nossa noite. Sabemos que os álamos não bebem sangue, que a crueldade vem trajada de plumas & que as pessoas sem imaginação creem que os outros também levam uma vida medíocre. Então, ela abriu o Zero Hora & comentou comigo, assim, meio por cima, enquanto eu lia o Monodrama, que a democracia

moderna pressupõe uma nova modalidade de fascismo. Neste imenso viveiro do desespero humano, nunca é demais lembrar que o fascismo vem disfarçado de progresso — & deseducação de massa = progresso do regresso — & que eram liberais todos aqueles que defenderam a entrada do fascismo no congresso italiano em 1922. “A paz não brota no jardim com câmara & sensores / Bem-vindo ao espetáculo do circo dos horrores”, canta o poeta. Aquela garota de dezessete anos, vinda do Daguestão, portando uma pistola & deixando dois olhos castanhos escapar do recesso do véu negro, explodida junto com as estruturas de concreto, plástico & aço do metrô de Moscou, levando consigo outras tantas almas, sabia que era viúva de um islâmico da república do Cáucaso,

morto em 2009, & que o que o exército russo chama de operação especial é na verdade matança. Os álamos não bebem sangue. As senhoras católicas, os comunistas, os comerciantes são piedosos, mas os poetas, os hackers & aqueles que cantam sambas antigos não podem ser. Alimento continuamente meu espírito terceiro-mundista para não ser tragado pela corrente contagiosa do Velho Mundo. Ainda verei a chama do espírito latino-americano brilhar bem alto, para dar ao novo mundo que nasce o testemunho vivo do verdadeiro humanismo. Ainda hei de ver o esplendor de nossa cultura dizer bem forte o quanto tínhamos para dar, mas, infelizmente, os donos do mundo nos impediram. O possível do impossível. O poeta chama todos à função, pois o coração do

rico é o ovo do inferno. A democracia entendida como governo efetivo da maioria é algo estúpido, ilógico & irrealizável, tanto quanto a brisa de outono carregar moedas a folhas secas. Enquanto as rosas menstruam em jardins monstruosos, o poeta persegue a liberdade dentre os escombros, põe a mão sobre a arca santa & solta os demônios famintos do desejo. Quebra as tábuas da velha aliança, jogando aos porcos todas as pérolas podres dos antigos, dos torpes & dos cultos. Enquanto uma multidão de párias se alimenta de tecnofilia, o poeta (pianista arrombador de cofres), tomando cerveja & jogando fubeca, sente o hálito da bomba crestar sua camisa de flanela & coração em frangalhos, corre para testar sua alma no deserto. Nenhuma nênia em seu coquetel *molotov*. ■

 **Fabiano Calixto** nasceu na cidade pernambucana de Garanhuns. É autor dos livros de poemas *Algun*, *Fábrica*, *Um mundo só para cada par* e *Música possível*. Vive São Paulo (SP).

BPP participa da 32ª Semana Literária do Sesc

Biblioteca terá programação com bate-papos, contação de histórias e oficinas de mediadores de leitura

GUILHERME MAGALHÃES

Nunca se publicou tantos livros no Brasil como no atual momento. Mas os leitores se multiplicaram com a mesma intensidade? Com o mote “Cadê o leitor?”, o Sesc Paraná dá início, no dia 16 de setembro, à 32ª edição da sua Semana Literária, que segue até 21 de setembro simultaneamente em 21 cidades do Estado. O evento prestará homenagem ao escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), e terá como patrono o escritor catarinense Manoel Carlos Karam (1947-2007), que passou grande parte de sua vida em Curitiba.

Este ano a Biblioteca Pública do Paraná (BPP) estará presente no evento de Curitiba com um estande próprio, onde acontecem bate-papos com autores infantojuvenis, edições especiais da “Hora do Conto” — contação de histórias promovida diariamente pela Seção

Infantil da Biblioteca — e duas oficinas de mediadores de leitura, coordenadas pelos escritores Jonas Ribeiro e Cleber Fabiano da Silva.

Pelo segundo ano consecutivo, a Semana Literária do Sesc acontece em parceria com a Feira do Livro da Universidade Federal do Paraná (UFPR), ocupando a Praça Santos Andrade — nesta edição o espaço aumentou, chegando à metade da praça.

Segundo o diretor da Biblioteca Pública, Rogério Pereira, a parceria com o Sesc durante a Semana Literária é mais uma ação que visa levar a leitura para um público cada vez mais amplo. “É preocupação constante da BPP fortalecer ações que trabalham com a formação de leitores. Esse tipo de parceria acontece também com prefeituras e se-

cretarias da cultura em vários municípios paranaenses”, afirma Pereira.

Em busca do leitor

A conversa com os escritores infantojuvenis no estande da BPP irá reunir nomes como Ilan Brenman, Flávio de Souza, Almir Correia, Liana Leão, Marilza Conceição, Adriana Sydor, César Obeid, Alexandre Santana e Fábio Yabu, que vão falar sobre suas obras e

trajetórias como leitores durante meia hora, em dois horários ao longo do dia (veja programação ao lado).

Ao arriscar uma resposta para a pergunta-tema da Semana, Flávio de Souza acredita que as pessoas não pararam de ler literatura, mas que estão lendo coisas diferentes hoje. “Acho que o leitor está em lugares onde existam computadores conectados à internet, navegando, se informando, se comunicando, jogando e... lendo. Para



Escritor Ilan Brenman, nascido em Israel, é um dos convidados da BPP durante a Semana Literária do Sesc.

realizar todas essas atividades, a pessoa precisa ler e escrever”, afirma Souza, que também é dramaturgo e já foi roteirista de programas infantis como “Castelo Rá-Tim-Bum” e “Mundo da lua”, e hoje trabalha como redator final do “TV Xuxa”. Segundo o escritor, o desafio agora é “lincar tudo ao mundo dos livros”.

A escritora Liana Leão, que também é professora do curso de Letras da UFPR, considera o atual momento da literatura feita para crianças e jovens “muito rico”. “Hoje grandes poetas, como Ferreira Gullar, se voltam para a literatura infantojuvenil. O nosso Paulo Venturelli acaba de receber um prêmio importante da FNLIJ pelo seu livro *Visita à baleia*. Vale também a lembrança de que temos uma escritora como Ana Maria Machado, que já escreveu várias obras para o público infantil, à frente da ABL”, destaca Liana, que tem mais de 15 livros publicados, entre eles *A caixa-nha de narizes* e *Julieta de bicicleta*.

Programação principal

A palestra de abertura da 32ª Semana Literária ficará por conta do escritor Affonso Romano de Sant’Anna, que, na noite do dia 16, vai sugerir respostas para a pergunta que é tema do evento — “Cadê o leitor?”. No dia 17, Elvira Vigna e Vilma Arêas debatem a potência social da ficção, enquanto os jornalistas e escritores Luís Henrique Pellanda e Xico Sá conversam sobre a aceitação, por parte dos leitores, da crônica como gênero literário. Os críticos Marcelo Coelho e Lourival Holanda discutem as leituras de não-ficção em mesa do dia 18, que traz também um seminário sobre o desafio de construir leitores, com a participação de Lucia Cherem, Maria Antonieta Cunha e Ronaldo Correia de Brito.

A literatura infantojuvenil marca presença novamente na mesa dos premiados autores Ricardo Ramos e Marina Colasanti, no dia 19. Já os escritores Marcelo Backes e José Roberto Torero falam sobre a relação entre li-

teratura e futebol. No dia 20, o patrono desta edição da Semana Literária, Manoel Carlos Karam, será lembrado em fala do escritor e poeta Marcelino Freire — que também ministra oficina de narrativas breves durante a semana. Os editores André Conti, da Companhia das Letras, e Heloísa Jahn, da Cosac Naify, debatem o atual mercado editorial brasileiro em expansão na noite do dia 20. Fechando a programação, no dia seguinte, os quadrinistas Fábio Moon e Rafael Coutinho batem um papo sobre HQ como porta de entrada para a leitura. ■

PROGRAMAÇÃO BPP

Hora do Conto | 11h e 15h30

- 17/09 Mistério na biblioteca | Sandra Aymone
- 18/09 O duelo das fadas | Patrícia Engel Secco
- 19/09 O porquinho cor-de-rosa | Marcin Brykczynski
- 20/09 O sapo que virou príncipe | Jon Scieszka
- 21/09 Quem tem medo de bruxa? | Fanny Joly

Oficina de mediadores de leitura | 14h às 17h

- 17/09 Jonas Ribeiro
- 18/09 Cleber Fabiano da Silva

Bate-papos com escritores infantojuvenis

Manhã 9h e 10h | Tarde 14h, 15h e 16h

- 17/09 Adriana Sydor | manhã
Cesar Obeid | tarde
- 18/09 Almir Correia | manhã
Fábio Yabu | tarde
- 19/09 Marilza Conceição | manhã
Ilan Brenman | tarde
- 20/09 Liana Leão | manhã
Alexandre Santana | tarde
- 21/09 Flávio de Souza | manhã

“Acho que o leitor está em lugares onde existam computadores conectados à internet, navegando, se informando, se comunicando, jogando e... lendo. Para realizar todas essas atividades, a pessoa precisa ler e escrever”. Flávio de Souza

Flávio de Souza, escritor que já trabalhou como roteirista de programas como Castelo Rá-Tim-Bum e Mundo da Lua.



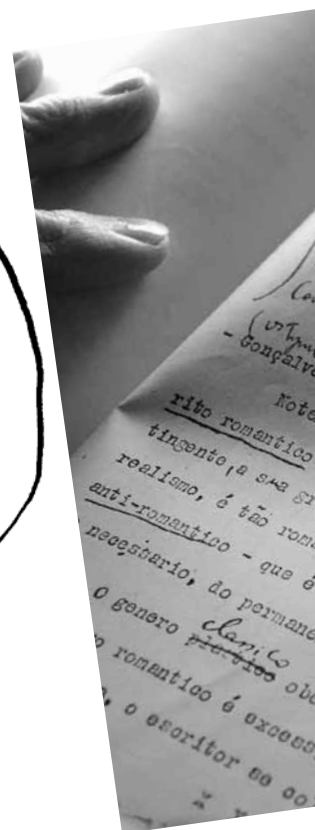
Um outsider na província

Autor de uma prosa inovadora e singular, Newton Sampaio também foi um crítico mordaz dos escritores de sua geração, mas teve sua obra interrompida pela morte precoce, aos 24 anos

LUÍZ REBINSKI JUNIOR



Ilustrações: **Oswalter** Urbibati



Qualquer escritor que tenha se dedicado a protagonistas literários, em livros metanarrativos, certamente daria alguns anos de sua vida para ter criado um personagem como Newton Sampaio. Sim, Sampaio foi um escritor, mas também uma figura das mais interessantes. Qualquer personagem-escritor de Phillip Roth, o grande autor americano, parece mero rascunho quando comparado à trajetória pessoal do escritor paranaense. Sampaio, ilustremente desconhecido mesmo em seu Estado de origem, não é somente o primeiro autor moderno do Paraná, como vaticinou Wilson Martins, mas também o *outsider* número um das

letras locais — o primeiro de uma linhagem que ainda teria nomes como Dalton Trevisan, Paulo Leminski, Jamil Snege e Manoel Carlos Karam.

Nascido em setembro de 1913 em Tomazina, um município minúsculo do Norte paranaense, o autor não publicou nenhum livro em vida, mas ganhou, postumamente, um prêmio da Academia Brasileira de Letras por uma coletânea de contos que ninguém sabe ao certo como chegou à ABL. Sua produção literária nunca foi editada comercialmente e seus trabalhos póstumos foram todos “achados” em periódicos do Paraná e do Rio de Janeiro, os dois Estados em que Sam-

paio morou e publicou até morrer, aos 24 anos, em um sanatório da Lapa, a 60 quilômetros de Curitiba. Ainda assim, relegado a um ostracismo permanente, Sampaio foi, nas palavras de Dalton Trevisan, “o maior contista do Paraná”.

Talvez mais que “talento”, “precoce” é o adjetivo que cabe melhor ao escritor. Filho de um agricultor, o pequeno Newton foi enviado à capital paranaense aos 13 anos para estudar no Internato do Ginásio Paranaense. Em 1929, entra em cena o personagem que estaria com o escritor até o final de sua vida. Brasília Araújo, um tio abastado, assume parte das despesas do sobrinho na capital. Ainda com a

ajuda do parente, o futuro escritor começa a se virar sozinho, lecionando precocemente no próprio Ginásio Paranaense onde era interno, também começando sua carreira na imprensa, em jornais como *O Dia*, de Curitiba, e *O Jornal*, de Siqueira Campos. Em 1932 ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná (UFPR). No final de 1934 vai para o Rio de Janeiro, onde estuda na Faculdade de Medicina de Niterói. Após se formar, em dezembro de 1937, recebe o diploma de médico, atividade que nunca exerceria profissionalmente por conta de uma tuberculose que o mataria quatro meses depois de formado.

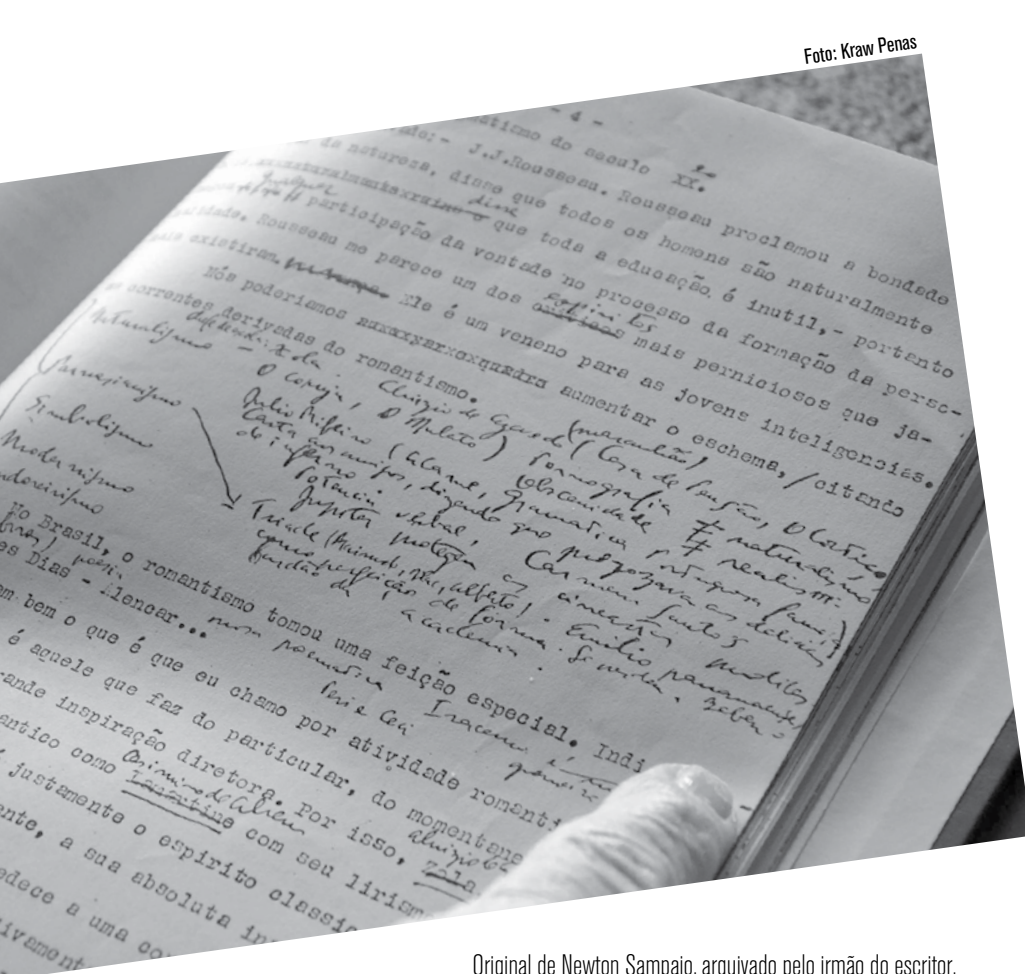


Foto: Kraw Penas

Original de Newton Sampaio, arquivado pelo irmão do escritor.



Muda-se, em 1926, para Curitiba, aos 13 anos, para estudar no Ginásio Paranaense.



Nasce em Tomazina, Norte do Paraná, em 10 de setembro de 1913.



Em 1932 inicia suas críticas literárias no jornal *O Dia*, de Curitiba.

CAPA | NEWTON SAMPAIO

A atividade literária foi desenvolvida de forma contínua entre esses eventos biográficos, que só puderam ser contados por meio de documentos, cartas e recortes de jornais. Isso inclui a produção literária, quase toda juntada como um mosaico que daria forma à obra de Sampaio após sua morte.

“Ninguém nunca vai contar a história do Newton totalmente, será sempre uma incógnita”, diz Lilian Guinski, autora da dissertação de mestrado *A obra de Newton Sampaio — O resgate do Paraná do século XX na ótica do século XXI*, que junto com *O brejo das almas: O intelectual na ficção de Newton Sampaio*, do escritor Marcio Renato dos Santos (leia mais na página 34), é um dos únicos estudos acadêmicos sobre o escritor paranaense. “Tem muita lacuna a ser preenchida. Como ele viveu em Tomazina, Curitiba, Niterói e morreu na Lapa, e como esteve envolvido em tantos ambientes culturais, tem muito ainda a ser pesquisado”, explica Lilian, que neste mês lança a biografia *Newton Sampaio: vida, obra e silêncio*.

Com nove irmãos, Sampaio, no entanto, praticamente perdeu o contato com a família após se mudar para o Rio de Janeiro. Nilo Sampaio, que em 1936 tinha 19 anos e se mudou para o Rio para estudar, foi o irmão mais próximo do escritor, tornando-se, na sequência, seu herdeiro literário.

No entanto foi Neusa Sampaio, uma das irmãs do escritor, quem reuniu documentos a respeito do irmão, que no final dos anos 1970 teve sua primeira “redescoberta”, quando a Fundação Cultural de Curitiba reeditou *Uma visão literária dos anos 30*, com artigos críticos de Sampaio publicados na imprensa, e *Irmandade*, o livro póstumo premiado pela Academia Brasileira de Letras em 1938. Na sequência, Sampaio e sua obra teriam outros momentos de visibilidade, um deles quando Miguel Sanches Neto, então diretor da



Inicia a faculdade de medicina em Curitiba.



Em 1935 vai morar em Niterói, onde cursa medicina e escreve para diversos jornais.



Em fevereiro de 1935 inicia a publicação da novela *Remorso*, que sai em capítulos no jornal *O Dia*.

Imprensa Oficial do Paraná, edita, em um único volume, os textos de *Irmandade* e de *Contos do sertão paranaense*, intitulado *Contos reunidos*. A coletânea foi um sucesso editorial, o que forçou a Imprensa Oficial a fazer uma segunda tiragem, que igualmente se esgotou rapidamente. Diante da boa aceitação, Sanches Neto pede ao professor Luís Bueno, da UFPR, para fazer uma pesquisa a respeito dos textos de ficção de Sampaio publicados apenas em jornais e que se mantinham inéditos em livro. O resultado do trabalho foi *Remorso*:

“Ninguém nunca vai contar a história do Newton totalmente, será sempre uma incógnita”.
Lilian Guinski.

ficção dispersa, que traz inúmeros contos e dois projetos de ficção de fôlego que Sampaio não concluiu.

Kafka do Paraná

No plano biográfico, Neusa foi durante muitos anos a curadora do acervo do irmão. Se Franz Kafka teve seu legado literário salvo pela perspicácia de Max Brod, que contrariou o pedido do amigo para que queimasse toda a obra do autor de *A metamorfose*, o mesmo não aconteceu com o escritor paranaense. “Neusa queimou vários documentos sobre a vida dos dois irmãos, Nilo e Newton, com medo de contrair tuberculose”, diz Lilian Guinski.

O material que sobrou, foi parar com Pedro Sampaio, irmão mais novo que, em 1938, quando o escritor faleceu, tinha nove anos. “Minha irmã tinha muito cuidado com as coisas do Newton, então antes de queimar os ori-

ginais, tirou cópia de tudo”, explica Pedro, que hoje cuida do acervo do irmão, que consiste em 12 volumes encadernados. Praticamente tudo que se escreveu sobre a vida de Newton Sampaio saiu desse pequeno acervo. E, na prática, a biografia do escritor passou apenas pelo crivo da irmã Neusa, que ia contando fatos da vida do irmão em pequenos bilhetes que escrevia à mão e depois datilografava na máquina de escrever.

“Quando minha irmã morreu, em 2002, juntei esses fragmentos escritos por ela, com alguns originais do próprio Newton, com a letra dele, como atas de reuniões que ele participava”, diz Pedro.

Lapa

O escritor Tasso da Silveira, segundo Lilian Guinski, foi a pessoa que ajudou Sampaio a conseguir vários empregos em seu período no Rio. Dedicado à crítica literária de seu tempo, o

autor paranaense escreveu muito sobre seus pares de geração em jornais do Rio de Janeiro e do Paraná. De José Lins do Rego a Andrade Muricy, Sampaio foi um observador privilegiado — e extremamente crítico — de um período (os anos 1930) que se confirmaria pródiogo em grandes escritores e obras. Parte dessa produção foi compilada na coletânea *Uma visão literária dos anos 30*, editada pela Fundação Cultural de Curitiba em 1979.

Outra figura de destaque na trajetória de Sampaio foi Manoel de Oliveira Franco, que, um ano após a morte do escritor paranaense, em 1939, organiza os *Contos do sertão paranaense*, que trazem textos mais longos do que aqueles contidos em *Irmandade* e com temática mais “rural”. Oliveira Franco era paranaense, mas o livro, em sua primeira edição, traz a informação de que foi rodado em uma editora de São Paulo.



Newton Sampaio se forma Médico em dezembro de 1937.



Em maio de 1938 é internado no Sanatório da Lapa, morrendo dois meses depois, em 12 de julho.



Meses depois da morte do escritor, a coletânea de contos *Irmandade* é premiada pela Academia Brasileira de Letras.



Em 1939 o amigo Manoel de Oliveira Franco organiza os *Contos do sertão paranaense*.

CAPA | NEWTON SAMPAIO

Além das críticas literárias que escrevia diariamente, Sampaio dividia seu tempo com a faculdade de medicina, estágios em hospitais e, claro, a escrita de sua própria ficção. “O Newton não tinha tempo nem para as coisas, digamos, mais comezinhas, como se alimentar. O Manoel de Oliveira Franco me disse que ele atravessava a barca Rio/Niterói estudando medicina e escrevendo contos”, diz Pedro. Para o irmão, essa rotina acabou deteriorando a saúde do escritor.

Logo após se formar, em dezembro de 1937, já bastante debilitado, Sampaio teria sido levado pelo tio Brasília de Araújo para repousar em uma fazenda próxima a Londrina. Depois, seguiria para um sanatório na Lapa, onde acabou

morrendo, em 12 de julho de 1939, de tuberculose. O escritor foi enterrado na Lapa, mas ao que consta, apenas o tio e um primo estavam presentes quando ele morreu. A informação sobre o local exato de onde Sampaio foi enterrado nunca veio à tona. Brasília de Araújo faleceu em 1948 e nem Neusa e nem Pedro conseguiram obter essa informação.

Para Lilian Guinski, Sampaio foi vítima de seu próprio talento, pois tinha tantas ideias que não conseguiu colocar tudo em prática, levando em consideração também que teve uma vida breve. “Newton Sampaio é um escritor que nasceu em um momento errado, mas produziu muita coisa boa e que ainda está em busca do leitor”, diz Lilian. ■



Foto: Kraw Penas

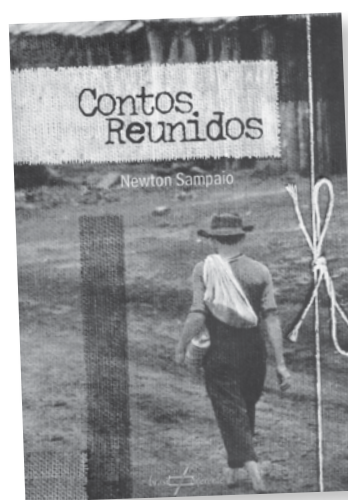
Pedro Sampaio é o curador do acervo literário do irmão.



Dalton Trevisan, em um número da *Revista Joaquim*, em 1947, escreve texto enaltecendo a literatura de Newton Sampaio.



Em 1979 a Fundação Cultural de Curitiba publica *Uma visão literária dos anos 30*, com artigos de Sampaio a respeito de seus pares escritores.



A Imprensa Oficial do Paraná, comandada em 2001 por Miguel Sanches Neto, reedita *Irmadade* e *Contos do sertão paranaense* com o título de *Contos reunidos*.



No ano seguinte, 2002, sai a coletânea *Remorso* – *ficção dispersa*, organizada por Luís Bueno, que trazia textos inéditos em livro.



**NEWTON SAMPAIO
2013**

Em 2013 é comemorado o centenário de nascimento do escritor.

CONTO | NEWTON SAMPAIO

CACO DE GENTE

Na fazenda Ubirajara, — situada um pouco além de Japira — ia um rebuliço medonho. Todos se movimentavam. Em tudo se mexia. Aqui, um arranjo melhor nos móveis sem luxo. Uma limpada nas louças antigas, acolá.

— Anda, Tiloca, não seja nhenga.

— Arruma a mesa duma vez, Zita.

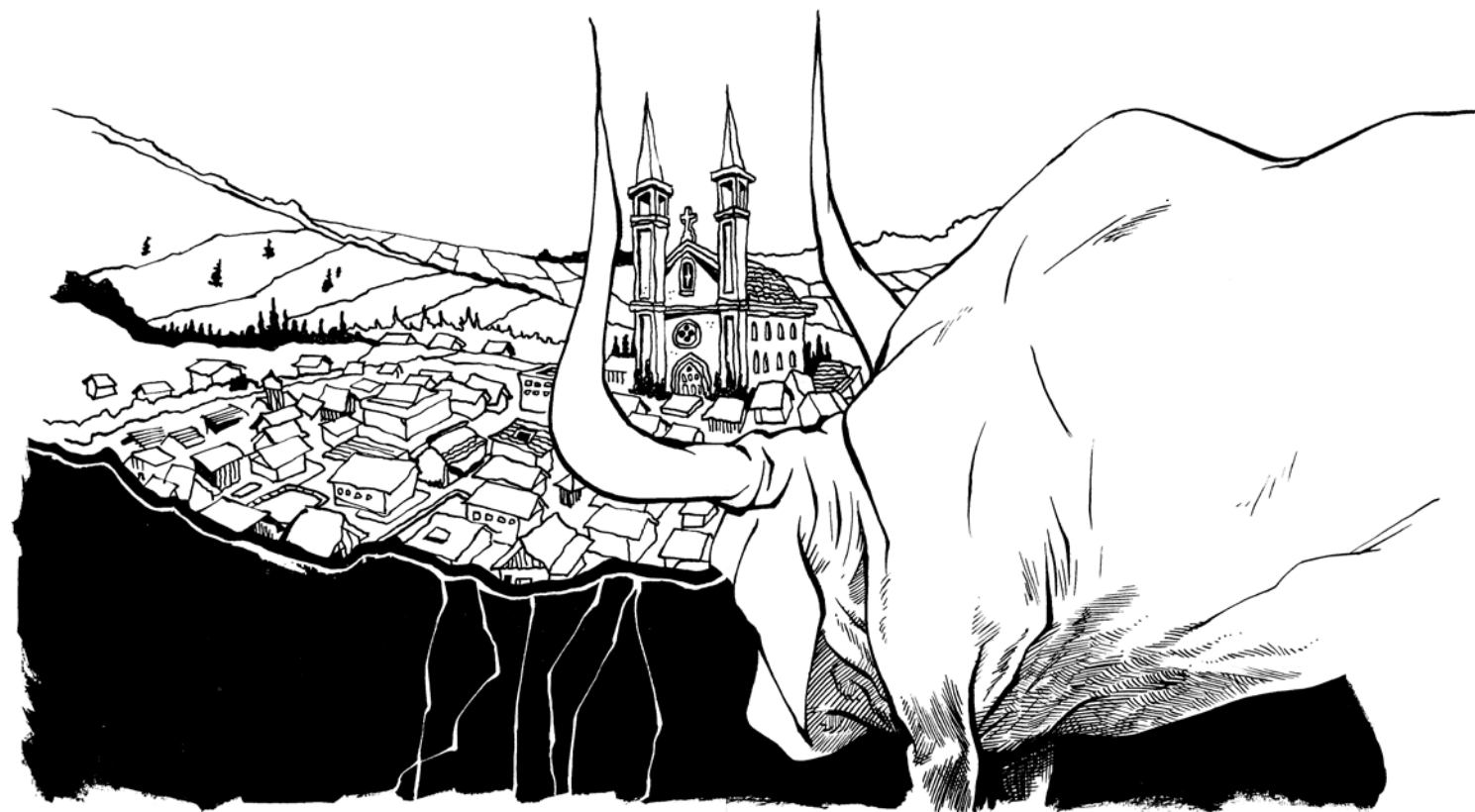
E dona Cecília, arrastando seu reumatismo e seus precoces cabelos brancos, não dava trégua às crioulas. Queria tudo em ordem. Pudera! Logo mais chegaria o primogênito do casal, o Ricardo, mais adulado do que ninguém, e que, justamente por viver quase sempre longe, em estudos superiores, recebia ao chegar os melhores carinhos, os mais desvanecedores agrados.

O velho Pedro Matoso já partira ao encontro do filho. E, nessa hora, ambos deveriam estar trotando na estrada da fazenda, com toda a certeza.

D. Cecília, de minuto em minuto, mandava um moleque à porteira espiar alguma nuvem de pó que acaso se agitasse além, ao lado dos cafezais, denunciando a aproximação dos viajantes.

Algum tempo mais, e saltava no terreiro o vulto guapo do Ricardo. Um longo abraço — desses que parecem espremer toda a saudade do coração — iniciou o rapaz na vida da fazenda onde nascera.

Ricardo era um tipo sugestivo. Atleta perfeito. Forte. Corado. Venden-



do saúde. E, além do mais, inteligente. De espírito arguto, demonstrado no olhar negro, penetrante.

D. Cecília não se cansava de alcançar o filho ao peito. Feliz, o amor das mães. E crivava-o de perguntas. Queria saber de tudo. A vida inteira do filho na cidade. Coisas de pensão. Exames. Divertimentos. Estudos...

E Ricardo respondia. Calmamente. Sorrindo. Com aquela maneira toda sua de pesar bem as palavras.

Pedro Matoso andava orgulhoso. O filho saíra-lhe um rapagão. Ufano, contava aos compadres que Ricardo estava para se formar em Direito. Seriam aquelas as suas últimas férias de estudante. Depois, voltaria bacharel. E casado, talvez. Para viver independente. Para exer-

cer a profissão.

Dezembro passou com seu calor insuportável. No céu, onde as nuvens, muito finas, corriam como doidas, andava a mesma claridade estonteante. E em todas as coisas punha o sol prodígios de luz. Um guaretá esguio, chamuscado pela queima de agosto, exibia no alto a pobreza desconsoladora das folhas. E tinha o tronco torto, numa caricatura de desalento.

Janeiro começou. A mesma canícula a prometer chuvas.

Ricardo sentara-se num degrau da escada. E alongava a vista, numa cisma insopitável.

Ao canto da casa, mirando fixamente o rapaz, jazia uma figura esquecida.

Era a Teca. (Ou, melhor, o “Caco de Gente”, como todos a chamavam).

Uma ironia da natureza. Um ser que não deveria ter nascido. O fantasma da sífilis corporizado. Hereditariedade cruel que zombava de suas vítimas. Estatura atrofiada. Um verdadeiro “caco de gente”, mesmo. Mas hipertrofia do resto, quase todo. Mãos enormes. Braços musculosos. Pernas muito inchadas, desiguais. Protuberâncias nas costas — um prodígio de teratologia. No entanto, um rosto sem anormalidades. Iluminado até por dois olhinhos ligeiros, por onde se adivinhava a tragédia íntima. Porque Teca era bem mulher, no espírito. E sedenta de emoções, no passar triste de seus 16 anos.

Recebera-a, por piedade, o velho Pedro Matoso. Havia muito tempo, já. Quando a mãe a abandonara horrorizada com o rebento.

CONTO | NEWTON SAMPAIO

— O que é isso, “Caco de Gente”? Parece que nunca viu o Ricardo?

Apanhada em flagrante, Teca saiu envergonhada. E desapareceu atrás da casa.

— Escuta mamãe. Tenho muita pena dessa menina. Não gosto mesmo que lhe deem um tal apelido. Eu, nunca a chamarei dessa forma. Isso deve desagradar-lhe. Teca tem um espírito, como qualquer outra pessoa. E possui, estou certo, uma sensibilidade aguda. Não vê como ela demonstra pelos olhos o quanto lhe pesa na alma a intuição de sua deformidade?

— Ora, Ricardo. Há mais de 15 anos que me acostumei assim. “Caco de Gente” ela nasceu, “Caco de Gente” há de ser sempre. Também, não sei por que o Pedro ficou com esse bicho... E eu tenho uns pressentimentos com essas coisas...

— Tolices, minha mãe.

— Por que será que o “Caco de Gente” vive a olhar tanto para você? Todos se cansam de surpreendê-la nessa postura de idiota, a examinar, a examinar...

Ricardo levantou-se. Pôs a mão no ombro de dona Cecília.

— Quem sabe a Teca gosta de mim. Isto não me tira pedaço... Os cretinos também sabem amar.

E riu com gosto.

Os cretinos também sabem amar... Ricardo pronunciara essa frase, num assomo de bom humor. E nem lhe dera importância.

Enquanto isso, Teca continuava escondida atrás da casa. Não. Ela não era cretina. Era na verdade, o produto horrendo de entranhas amaldiçoadas. Mas só no corpo. O espírito, ela o conservava esclarecido. Embora não pudessem exprimir as ideias. Produzia sua garganta apenas sons inarticulados.

Teca sofria com isso. Tinha ímpetos de rasgar o peito e mostrar a todos os que dela caçoavam como o seu coração também sabia pulsar, como sua alma podia apreciar as maravilhas da vida.

Quando Ricardo estava para

chegar, ninguém notara o seu júbilo. Ia de um lado a outro, manquitolando. Sem definir bem o que sentia. Admirava no rapaz o porte esbelto. A elegância do traje. A maneira de tratar a todos. A delicadeza que lhe dispensava, sem nunca a chamar de “Caco de Gente” — as três palavras que mais a irritavam. E naquele dia quase a surpreenderam em frente ao espelho da filha de dona Cecília, a passar no rosto uma camada de pós de arroz.

O estudante estava em véspera de partir. Na fazenda “Ubirajara” rondava o espectro das primeiras saudades. Tão vazio, iria ficar aquilo sem a bondade do Ricardo, sem as suas risadas francas, sem os inesquecíveis passeios a cavalo, que só ele sabia organizar!...

À medida que passavam as horas, Teca se angustiava. Tivera uma conclusão imprevista em seus sentimentos. Imaginava como seria tudo insípido depois que Ricardo voltasse para cidade. E vergava a alma acabrunhada ao pensar que, chegando lá, ele iria tratar do casamento e ceder a sua elegância, a sua grandeza de coração, as suas palavras de afeto, a uma outra mulher que não a ela — miserável “Caco de Gente”.

E Teca, mal acomodada no leito pequeno, resolvia-se insone, sem saber dominar-se. E lhe parecia estar sendo tragada pela bocarra de um destino cruelíssimo, torturante, requintado em angústias sem nome.

A tarde toda “Caco de Gente” andou desaparecida. Também pessoa alguma dera maior importância ao caso. Era hábito do monstrengo, essas fugidas da fazenda...

Na manhã seguinte, resolvera-se o Ricardo a viajar. O cavalo zaino estava à porta, pronto a levá-lo até a próxima estação.

Abraçou a todos. E foi com singular emoção que se separou de todas as incontáveis amizades que deixava. Quis dizer adeus também à Teca. Não a encontrou, porém, em casa.

Na estrada orvalhada ainda, pai e filho conversavam, ao trotar dos cavalos.

Num certo momento, para despedir-se dos folguedos da fazenda. Ricardo dispôs-se a galopar um pouco. E logo deixou o velho Pedro Matoso bem para trás.

Naquela altura, o caminho passava por um capão denso. E ziguezagueando em meio das árvores luxuriantes, corria um ribeiro insignificante. Havendo no terreno, porém, um descavado profundo, lá se erguia, em meio à mataria ensombrada, o pontilhão de madeira, construído pela rústica engenharia do sertanejo.

Após o pontilhão, que era precedido por um rampa, tomava a estrada imprevisivelmente uma subida forte, extensa, para depois continuar sempre amena.

Ricardo percebeu de longe o robusto núcleo de vegetação. Lembrou-se da disposição esquisita do caminho, ali, considerando-o um ótimo ponto para a demonstração de suas qualidades de cavaleiro.

Castigou a ilhargas do animal descansado ainda. E investiu num galope desenfreado.

No madeirame tosco do pontilhão, as patas ferradas do cavalo ecoaram fortes. E



o estudante fustigou melhor o zaino, frenético de vencer a ladeira num segundo.

Não tinham sido vencidos mais que quatro metros, e esbarrou o busto do rapaz com uma corda estendida de um lado a outro do caminho.

Ricardo não pôde equilibra-se com o golpe e foi cuspidado do lombo do animal. Ao mesmo tempo, um pelotão de barro ia ferir-lhe impetuosamente a maçã do rosto. Cego de dor, a nuca mergulhada na poeira, o estudante se pôs a esperar.

Imediatamente, saiu do mato, manquitolando nervosa, a figura grotesca da Teca. Ágil como nunca se mostrara, deixou

o bodoque na orla do caminho, e, alcançando Ricardo, cravou-lhe no flanco direito a lâmina pontiaguda de uma faca de cozinha.

Ricardo contraiu-se todo, em violento espasmo de dor. De sua garganta partiu um rugido agoniado.

E Teca, os olhos cheios de lágrimas, contrita, enlaçou-lhe a cabeça acariciando-lhe o ferimento do rosto.

Depois procurou os lábios de Ricardo para um beijo selvagem, brutal, onde pôs toda a sua ganância.

Quando o velho Pedro Matoso, ao trote de seu matungo, pôde avistar o pontilhão, Teca já galgava a subida, aos trombalhões, cascalhando risadas histéricas.

E, estendido na estrada, no esforço supremo do derradeiro estertor, o estudante murmurava, acenando ainda com a mão:

— “Caco de Gente... Caco... de... Gente...” ■



Nota: O conto “Caco de Gente” foi publicado originalmente em 1939 em *Contos do sertão paranaense*, coletânea de histórias curtas reunidas por Manuel de Oliveira Franco Sobrinho, amigo de Newton Sampaio.

Um menino de cem anos

O professor da Universidade Federal do Paraná **Luís Bueno** faz uma análise do breve, mas intenso percurso intelectual de Newton Sampaio, que escreveu crítica literária, crônica jornalística, entrevistas, diversos contos e uma novela e, em todas essas atividades, vivenciou, não sem crises, os embates e tensões do tempo em que esteve inserido



Newton Sampaio apareceu para o público em junho de 1933, como idealizador e redator de uma coluna fixa no jornal *O Dia* de Curitiba, a “Crônica religiosa”, que duraria pouco mais de um ano. Seu último texto seria publicado menos de cinco anos depois, em abril de 1938, no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.

Nesse curto período, a literatura brasileira seria varrida por um verdadeiro furacão, causado por aquela que provavelmente foi a mais rica geração de prosadores que jamais surgiu no país. De saída, o que marcou essa geração foi a polarização política daqueles anos, que levou a uma literatura engajada proposta a discutir os grandes problemas da época, fossem eles políticos ou espirituais.

Embora esse furacão fosse prenunciado pelas estreias de Rachel de Queiroz, em 1930, e de José Lins do Rego e Jorge Amado, em 1932, ele se desencadeou de verdade exatamente um mês depois da estreia de Newton Sampaio, em julho de 1933, quando se publicaram os romances *Cacau*, de Jorge Amado, e *Os Corumbas*, de Amando Fontes, que alcançaram enorme repercussão e detonaram um intenso debate público. Ambos receberam uma atenção enorme da crítica e, surpreendentemente, conquistaram um grande número de leitores: basta dizer que primeira edição de *Cacau* se esgotou em quinze dias e que *Os Corumbas* teve três edições naquele mesmo ano, ou seja, em um único semestre.

Esse grande debate foi motivado pelo conteúdo político dos romances, fosse ele pretendido pelos autores ou detectado pela crítica e pelo público. A intelectualidade de esquerda se unia em torno do elogio a esses livros, que tratavam da vida de personagens pobres, seja no campo, seja na cidade. A intelectualidade de direita, por sua vez, atacou o livro de Jorge Amado, que lhe parecia propaganda política, enquanto aceitava o de Amando Fontes porque via nele

um tratamento do proletariado nascente brasileiro sem partidatismo excessivo.

Que Newton Sampaio, aos 19 anos, fora do centro cultural do Brasil, iniciasse no jornalismo exatamente por uma “Crônica religiosa”, é fato que o colocaria, em princípio, à direita no espectro da intelectualidade brasileira de então, já que o forte movimento católico vindo da década anterior assumira uma posição de crítica àquelas que, em sua visão, reduziam a vida humana a seus aspectos materiais, ignorando o que lhes parecia essencial, o espírito.

A inquietude desse menino, que não chegaria a completar 25 anos de idade, não permite, entretanto, julgamentos precipitados. Afinal, ele parte de frases convencionais é verdade, como as que se veem em sua primeira crônica religiosa: “No sacrário busca-se a semente. Na sociedade encontra-se a gleba. E como resultante virá certamente, qual árvore maravilhosa, o destino feliz de um grande povo”. Mas, em seu último artigo, demonstra ter desenvolvido uma visão crítica que não poupa nem mesmo seus grandes ídolos literários, como Marques Rebelo, sobre o qual afirma que “não tem nada a dizer fora do seu gênero [o conto], precisando comumente recorrer ao expediente do ‘Depoimento’ para encher duas ou três laudas sem nenhum interesse”.

Entre esses dois extremos, o escritor fez crítica literária, crônica jornalística, entrevistas, diversos contos (que gerariam dois livros póstumos, *Irmandade* e *Contos do sertão paranaense*) e uma novela, *Remorso*. Em todas essas atividades sua inquietude o impulsionou a um processo de constante transformação.

Com sua ida para o Rio de Janeiro — transferiu seu curso de medicina da Universidade do Paraná para Niterói — aproximou-se do centro da vida cultural do país. Foi para o olho do furacão, colaborando nos principais veículos do tempo, como o *Diário de Notícias* e o *Bole-*

tim de Ariel, além de manter constante a colaboração para *O Dia*, de Curitiba.

E como ninguém frequenta o olho do furacão e permanece o mesmo, Newton Sampaio passou por uma notável transformação. Essa transformação, entretanto, não se deu de forma inconsequente ou apressada: foi bastante ponderada e transpareceu tanto na ficção quanto na crítica que ele produziria.

“O escritor fez crítica literária, crônica jornalística, entrevistas, diversos contos (que gerariam dois livros póstumos, *Irmandade* e *Contos do sertão paranaense*) e uma novela, *Remorso*. Em todas essas atividades sua inquietude o impulsionou a um processo de constante transformação.”



ENSAIO

Isso quer dizer que Newton não aderiu simplesmente ao que era o pensamento dominante no momento, ou seja, a posição política de esquerda e a escrita de uma ficção francamente social, política mesmo. Como acontece com os intelectuais honestos, diante de uma encruzilhada, tudo indica que ele passou por uma crise. Assim, manteve sua ligação com os intelectuais católicos paranaenses que já vivem no Rio, como Tasso da Silveira e Andrade Muricy. Mas aproximou-se também de alguns dos principais nomes da corrente social e regionalista. Lembre-se que, naquela altura, havia um senso comum que ligava o catolicismo ao pensamento de direita.

Em sua atividade como crítico, essa ponderação resultou numa obra importante no contexto da década de 1930. Newton Sampaio foi capaz de compreender a importância de escritores “regionalistas” como José Lins do Rego e “católicos” ou “intimistas” como Cornélio Penna e Lúcio Cardoso. Para poder avaliar sua abertura de visão, lembre-se o que aconteceu, por exemplo, no início de 1937, quando Rachel de Queiroz lançou seu terceiro romance, *Caminho de pedras*. A escritora foi duramente criticada, por motivos políticos, seja por intelectuais de esquerda, que não perdoavam seu rompimento com o Partido Comunista, seja pela direita, que não gostou de ver o ativismo de esquerda tema de um romance de repercussão. Os nomes que se levantariam nos jornais para analisar o livro com olhos livres foram os de Newton Sampaio e Graciliano Ramos.

Num tempo em que o modernismo não era levado a sério, e uma revista católica decidiu atacá-lo de forma violenta, o jovem crítico juntou-se a alguns nomes da esquerda, como Carlos Lacerda, não para simplesmente defender o modernismo, mas sim para discutir suas contribuições e apontar o que considerava seus limites.

Como ficcionista, manteve a preocupação com o aprofundamento psicológico, de que é exemplo o mais conhecido de seus contos, “Irmandade” — que, aliás, continua merecendo ser descoberto por novos leitores. Mas também fixou interessantes tipos sociais, como o personagem negro que vive em Curitiba do conto “Carnaval de camelô”.

“Como acontece com os intelectuais honestos, diante de uma encruzilhada, tudo indica que ele [Newton Sampaio] passou por uma crise. Assim, manteve sua ligação com os intelectuais católicos paranaenses que já vivem no Rio, como Tasso da Silveira e Andrade Muricy.”






O único projeto de ficção longa que levou ao fim (deixaria outros três inacabados), a novela *Remorso*, foi uma tentativa séria de fazer literatura social aliada à discussão psicológica ao narrar o envolvimento entre um jovem herdeiro da elite curitibana e uma filha de imigrantes poloneses. Em *Remorso* tanto a situação marginal do “polaco” quanto os falsos dilemas morais do rapaz rico que termina por abandonar a moça, grávida, mesmo desejando ficar com ela, dão consistência a uma narrativa que coloca Newton Sampaio no rol dos autores daquele grande momento da literatura brasileira.

Essa salutar crise, Newton Sampaio a viveria até o fim, e uma frase talvez tenha sido capaz de resumi-la, mostrando como ele permaneceu abraçado ao furacão. Ela surge tanto numa crítica sobre Jorge de Lima, quando fala em seu próprio nome, quanto, num conto, nos pensamentos de um personagem que, pobre-diabo sem dinheiro perdido na grande cidade, reflete sobre a dureza da vida enquanto espera seu sapato ser remendado: “Já não sei mais entrar em igrejas”. Nada de aceitar a solução que já vem pronta, portanto, e sim manter o exercício da consciência bem acesa, que muitas vezes leva à acidez de visão, mas por outro lado acaba assegurando a constante inquietação que conduz a novos caminhos.

Essa liberdade de pensamento, bem como a escrita direta e precisa, garantiram para Newton Sampaio uma posição de permanência na literatura brasileira, capaz de fecundar o que se fez de mais renovador em seu Estado de origem nas décadas seguintes. É isso, e não apenas a morte precoce, que faz dele agora um menino de cem anos. ■



 **Luís Bueno** é professor do Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculos da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é autor de uma tese sobre a literatura brasileira da década de 1930, que foi publicada sob a forma de livro com o título *Uma história do romance de 30*. Vive em Curitiba (PR).

QUINZE MINUTOS



Para falar verdade, a ruazinha é bem insignificante. Mas é simpática. Simpática, comprida, estreitíssima. É comprida e vai terminar nos fundos de uma igreja muito velha. O que, aliás, não tem importância, porque, desgraçadamente, eu não sei mais entrar em igrejas. Não sei entrar nas igrejas nem pela porta grandiosa, nem pela porta dos fundos. Por isso, eu entro mas é no estabelecimento Élite, muito embora o meu sangue seja bem ordinário e provenha de um cabo da polícia pernambucana que se casou de supetão com a filha de uma quitandeira baiana muito gorda. O estabelecimento Élite, é campeão no gênero, põe saltinhos em cinco minutos e meias-solas garantidas num simples quarto de hora. O freguês entra, esconde só as pernas no cubículo, dá o sapato pra o italiano proprietário, o qual distribui o serviço pra os brasileiros sapateiros. Eu agora estou preso em um dos cubículos, e fico espiando o movimento, desde que não tenho um só jornal vespertino cheio de grandes títulos onde possa conhecer a mais recente cena de sangue de qualquer subúrbio abandonado. A meu lado, um homem

de imensos bigodes pitorescos recebe o sapatão de cano alto, acha que o serviço não prestou, paga só quatro mil e quinhentos, vai embora pisando duro. Estamos em março (quer dizer que, até fins de junho, não precisarei voltar aqui), pergunto que horas são, me respondem que são duas horas e quinze.

Os sapateiros brasileiros suam sem parar, o ambiente continua abafado, cheirando a couro, a suor, a tinta. Todos os três cheiros são fortes e nenhum deles me é agradável.

Presto atenção e concluo que o dono do estabelecimento usa camisa preta. Sinto ganas de dar um viva à Absínia (só para anarquizar a geografia) mas tenho medo de ser posto na rua descalço e de meia furada.

Entra uma radiosa mocinha, que põe o embrulho em cima do balcão e dá instruções ao homem. Um dos artífices conhece a mocinha e diz: — “Como vai, sérrgipana?”, (abre o e e carrega no r). Ela sorri, olha pra mim não sei por que, me acha simpático. Eu lhe pergunto: — “Conhece o Tobias Barreto?” A mocinha fala:

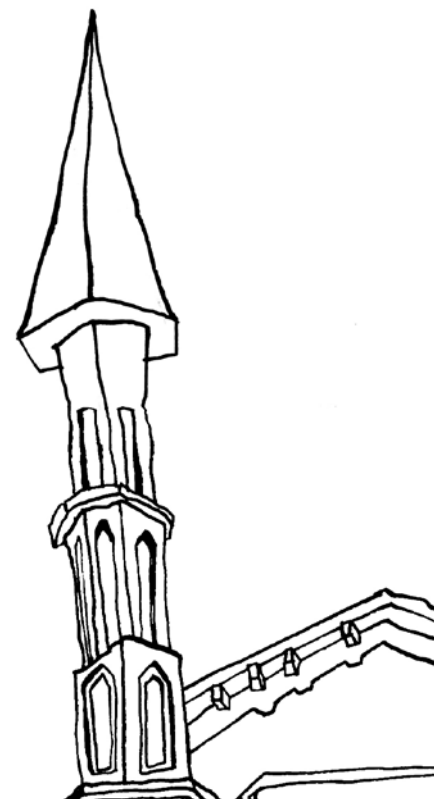
— Em que time joga esse bicho?

Dou uma bruta gargalhada, fico sério de uma hora pra outra, todos pensam que eu sou louco, mas eu não sou louco não. O que eu sou é um homem triste, desesperado, desesperadíssimo, porque minha mulher geme com pneumonia, meu garoto sofre com sarampo, meu sapato está cheio de buracos. Eu sou um homem desesperado, desesperadíssimo, que quer sair do cubículo, que está doente de amor pela mulher pneumônica, pelo filho sarampento, que não aguenta mais o calor, nem o estabelecimento Élite, nem a rua comprida e estreitíssima.

A sergipana foi embora, não sei nada do que se passou, todos estão agora me olhando, o italiano proprietário até me vem ajudar, mas eu não aceito o favor e enfio sozinho a botina concertada. Não digo até logo, piso a rua comprida.

A rua é comprida, vai dar no fundo de uma igreja muito velha, mas isso não tem importância porque eu não sei mais entrar nas igrejas. Nem pela porta gloriosa, nem pela porta dos fundos. ■

Nota: “Quinze minutos” é considerado um dos pontos altos da produção de Newton Sampaio. O conto foi publicado originalmente em *Irmandade*, de 1938, livro premiado pela Academia Brasileira de Letras.



Vontade ser Newton Sampaio

O jornalista e escritor
Marcio Renato dos Santos
conta de que maneira conheceu
a obra de Newton Sampaio
e como foi o processo de pesquisa
e escrita de sua dissertação
de mestrado, defendida na
Universidade Federal do Paraná
(UFPR), a respeito da ficção
do contista paranaense



No ano 2000 eu estava em busca de um assunto. As resenhas que escrevia para jornal e revista não me satisfaziam mais, pela maneira limitada e repetitiva de olhar e fazer os enunciados. O meu discurso jornalístico de então pedia oxigênio, outros repertórios e, necessariamente, uma imersão dentro da universidade.

Foi nas páginas da *Revista Joaquim*, editada por Dalton Trevisan entre 1946 a 1948, que um tema se insinuou. Na edição 11, o texto “Notícia de Newton Sampaio” começa com uma frase de impacto: “O maior contista do Paraná foi um moço chamado Newton Sampaio”.

A afirmação foi feita por Dalton Trevisan.

Quem teria sido Newton Sampaio?

Naquele contexto, eu trabalhava na Imprensa Oficial do Paraná, na gestão Miguel Sanches Neto. Após participar do projeto de reedição *fac-similar* da *Revista Joaquim*, fui avisado de que faríamos uma edição dos contos do Newton Sampaio (1913-1938).

Era 2000 ou 2001?

Não tenho certeza se fui eu, o João Arthur Pugsley Grahl ou o Pedro Carrano — colegas de trabalho — quem digitou os contos do autor elogiado por Dalton Trevisan.

Lembro, sim, de que ao ler a ficção de Newton Sampaio surgiu uma ideia: esse pode ser o meu assunto.

Diálogo com Dalton Trevisan

Em 2002 fiz a prova de admissão para o mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR), e fui aprovado. O meu projeto inicial era aproximar as obras de Newton Sampaio e de Dalton Trevisan. Naquele momento, tinha convicção de que os dois autores dialogavam literariamente, só não sabia como apontar os pontos de contato entre a ficção dos contistas.

“Além de não querer mais entrar em igrejas, o protagonista de ‘Quinze minutos’ é ‘um homem triste, desesperado, desesperadíssimo’ que precisa trocar as solas gastas de seu sapato. A simbologia é certa. Sapatos são os invólucros dos pés, e são os pés que levam as pessoas pelos caminhos deste mundo.”



2003 segui, cursei disciplinas no período da manhã, enquanto à tarde trabalhava na Travessa dos Editores, do Fábio Campana — as noites e madrugadas eram reservadas para ler contos de Sampaio e de Trevisan, romances, poemas, obras teóricas e, também, para escrever os meus próprios contos.

Já estava em 2004 e não conseguia, a partir da metodologia universitária, dizer de que maneira a ficção de Trevisan conversava com a de Sampaio. Se fosse para fazer uma resenha do jeito que eu fazia, talvez soltasse seis, sete afirmações, e pronto. Poderia, por exemplo, afirmar que a prosa enxuta, direta e impactante de Sampaio ecoava nos primeiros contos de Trevisan.

Mas, para o projeto de mestrado, faltava muito: leitura, argumentos e experiência para pensar e escrever academicamente.

2004 terminava e o prazo para entregar o trabalho também.

Eu não iria desistir, apesar de não ter, ainda, uma hipótese.

Intelectuais na década de 1930

Mais do que ler e reler, de modo contínuo, os contos de Newton Sampaio, conversar com o professor Luís Bueno, meu orientador, abriu horizontes. Naquele período, ele era diretor da Editora da UFPR e, algumas vezes, se-

gui com ele, dentro do carro dele, da reitoria — onde aconteciam as aulas, no centro de Curitiba — até a sede da editora, no bairro Jardim das Américas.

O bate-papo era fluente em meio ao trânsito e, durante um daqueles trajetos, entre um desvio e outro, Bueno chamou atenção para um fato. Na década de 1930, período da literatura brasileira que ele estudou em profundidade, havia representação literária de personagens intelectuais, por exemplo, nos romances *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, e *Angústia*, de Graciliano Ramos.

Foi uma dica?

Foi sim.

Imediatamente, me dei conta de que Newton Sampaio também fez representação de intelectuais nos contos “O cântico” e “Quinze minutos”, do livro *Irmadade* (1938). Naqueles coincidentes quinze minutos, da reitoria até a Editora da UFPR, consegui elaborar a pergunta que conduziria a minha dissertação: de que maneira o intelectual aparece na obra literária de Newton Sampaio?

Quinze minutos

A partir de um repertório teórico, com obras de João Luiz Lafetá, Mario de Andrade, Sergio Miceli e — principalmente — a tese de doutorado *Uma história do romance brasileiro de 30,*



do próprio Luís Bueno, foi possível compreender nuances do contexto no qual Newton Sampaio esteve inserido. Os anos 1930 do século XX foram caracterizados, entre tantas questões, pela presença de personagens fracassados em obras literárias. E, como Bueno argumenta em seu estudo defendido na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o fracasso não era sinônimo de desistência, mas avaliação negativa do tempo presente — vivia-se o entreguerras e parecia difícil encontrar no (então) aqui e agora terreno para fundar um projeto para solucionar qualquer coisa.

A utopia e o otimismo, por exemplo, estavam, não extintos, mas adiados.

As leituras iluminaram a década de 1930 e as relações do intelectual brasileiro com o poder, ainda mais naquele período, em que os escritores, em sua maioria, sobreviviam atuando no serviço público.

Em meio a reflexões deflagradas pelo estudo sistemático, “descobri” o conto “Quinze minutos”.

Se naquele momento do mestrado eu ainda insistisse em fazer resenhas como fazia, poderia escrever que “Quinze minutos” é um conto que prova o poder de síntese do autor, que resolveu uma problematização complexa em apenas duas páginas.

O narrador, em primeira pessoa, diz não saber mais entrar em igrejas e, se não entra mais, é sinal de que já entrou. Não entrar mais em igrejas significa assumir uma posição — naqueles anos, um intelectual tinha, obrigatoriamente, que assumir a sua postura. Havia dois caminhos: direita e esquerda. Direita era o equivalente a estar ao lado de Getúlio Vargas e

um dos acessos para esse “lugar” era pela porta da igreja — os católicos, inegavelmente, estavam com o caudilho. A outra opção era o lado esquerdo, o socialismo, o comunismo.

Além de não querer mais entrar em igrejas, o protagonista de “Quinze minutos” é “um homem triste, desesperado, desesperadíssimo” que precisa trocar as solas gastas de seu sapato. A simbologia é certa. Sapatos são os invólucros dos pés, e são os pés que levam as pessoas pelos caminhos deste mundo. Os novos rumos do personagem, um intelectual que percebe muitos detalhes ao seu redor, serão outros, novos, porque, como ele repete, “desgraçadamente, eu não sei mais entrar em igrejas”.

O texto de Sampaio, publicado na íntegra nesta edição do **Cândido**, traz outras sutilezas, por exemplo, a rua como metáfora para vida. Vale conferir “Quinze minutos”, que tem um desfecho arrebatador: “A rua é comprida, vai dar no fundo de uma igreja muito velha, mas isso não tem importância porque eu não sei mais entrar em igrejas. Nem pela porta gloriosa, nem pela porta dos fundos...”.

Herói modernista

Apresentei a dissertação *Brejos das almas: o intelectual na ficção de Newton Sampaio* dia 30 de agosto de 2005, com a participação dos professores Luiz Roncari (USP) e Patrícia Cardoso (UFPR) na banca, fui aprovado e — assim — obtive o título de Mestre em Estudos Literários.

O trabalho final, revisto hoje, e mesmo quando foi escrito, ficou aquém. Talvez em um projeto de doutorado eu pudesse realizar uma pesquisa com mais tempo e

maturidade para, quem sabe, aproximar as obras de Dalton Trevisan e Newton Sampaio — o que não foi possível fazer no mestrado.

O que permanece da experiência acadêmica, sem dúvida, é a admiração por Newton Sampaio.

O crítico literário Wilson Martins (1921-2010) me contou, durante uma das muitas conversas que tivemos, que quando ele era jovem, Newton Sampaio representava uma espécie de herói cultural. “O que nele admirávamos, antes de mais nada, era a irreverência com relação aos nomes consagrados. O estilo nervoso e ágil, a inteligência aguda e a integração nas correntes vivas do pensamento”, escreveu Martins a respeito de Sampaio, que o crítico definiu como a primeira voz modernista no, até então, ambiente literariamente anacrônico do Paraná.


O texto “Um inédito de Newton Sampaio”, publicado na edição 12 da *Revista Joaquim*, mostra — como observou Martins — que o contista paranaense tinha mesmo estilo nervoso e ágil e inteligência aguda. Sampaio apresenta um diálogo, possivelmente imaginário, que teve com um interlocutor no Rio de Janeiro após receber a notícia da fundação da Academia Paranaense de Letras. Mais do que meramente desconstruir a instituição e os seus integrantes, ele é preciso ao decifrar a mentalidade dos intelectuais provincianos: “No Paraná, ninguém admite a menor crítica. Se não se diz do confrade que ele é maior humorista do Sul do Brasil, o mais inspirado poeta do Universo, o confrade imediatamente corta relações conosco...”

“O que Sampaio escreveu, nos anos 1930, a respeito do meio literário é relevante e atual. Vale para Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Rio de Janeiro ou São Paulo, uma das cidades mais provincianas do país: se o escritor não elogia o colega, de preferência por escrito e publicado em jornal de ampla circulação, o relacionamento pode estremecer.”

Além disso, tenho sobre a mesa, à minha espera, ainda fechado, o último livro de Chesterton”.

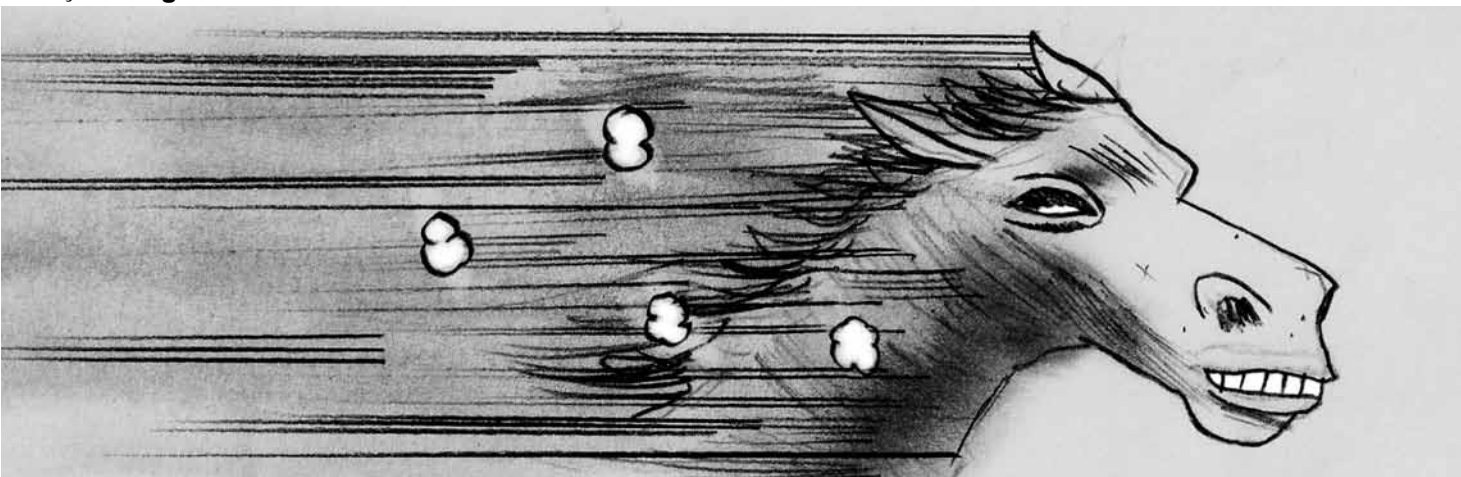
O que Sampaio escreveu, nos anos 1930, a respeito do meio literário é relevante e atual. Vale para Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Rio de Janeiro ou São Paulo, uma das cidades mais provincianas do país: se o escritor não elogia o colega, de preferência por escrito e publicado em jornal de ampla circulação, o relacionamento pode estremecer. E mais: por que insistir, apenas, na autocelebração se, em nossa mesa — como sugeriu o contista paranaense — há obras de autores de outras cidades, países e continentes? Ler e badalar apenas os amigos da aldeia pode não ser a postura mais inteligente, alertou Sampaio — e o recado teve eco em Dalton Trevisan e em outras vozes das gerações seguintes.

Já não faço mais resenhas há alguns anos e, há pouco, lembro que num conto de Sampaio tem a frase “vontade ser baitaca” — sem o “de”. Sinto, e não há como negar, vontade ser Newton Sampaio. Na realidade, surge mesmo uma vontade ler (reler) Newton Sampaio. Todo dia. Continuamente. ■

 **Marcio Renato dos Santos** é jornalista e escritor, autor dos livros de contos *Minda-Au* (2010) e *Golegolegolegah!* (2013). Atua no Núcleo de Edições da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (Seec). Vive em Curitiba (PR).




POEMA | EDUARDO STERZI

Ilustrações: **Diego** Gerlach

CAVALO

Meio corpo sóbrio
 meio corpo afogado
 cavalo de quanto
 é mau e turvo
 durmo pelos cantos
 (não se preocupe)
 ao pé do fogão
 para lá da justiça
 invejo as cores
 que explodem cruas
 manchando a manhã
 de necrose e rubro



 **Eduardo Sterzi** é escritor, crítico e professor de teoria literária na UNICAMP. Publicou, entre outros, os livros de poesia *Prosa* (2001) e *Aleijão* (2009) e os volumes de ensaios *Por que ler Dante* e *A prova das nove* (ambos de 2008). Vive em São Paulo (SP).

RETRATO DE UM ARTISTA | MÁRIO DE ANDRADE

MÁRIO DE ANDRADE

Por Klaus Koti

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, em 1893. Escritor, crítico de literatura e de arte, musicólogo, pesquisador do folclore brasileiro e fotógrafo, foi influência indispensável na cultura nacional do século XX. Estudou música e dirigiu o Departamento Musical de Cultura de São Paulo. Em 1922, lançou *Pauliceia desvairada*, obra inaugural do modernismo brasileiro. Suas principais obras são *Amar, verbo intransitivo* (1927), narrativa que chocou a burguesia paulista ao retratar a iniciação sexual de um adolescente, e *Macunaíma* (1928), considerado um dos maiores romances brasileiros. O escritor morreu em fevereiro de 1945.



Klaus Koti é designer e multiinstrumentista.

Atualmente toca com Os Penitentes e mantém uma monobanda, intitulada O Lendário Chucrobilly Man. Vive em Curitiba (PR).



POR UM FIO

Do fundo do poço
Vem barulho de festa
Nem vem me dizer
Que o mundo não presta

É tudo o de sempre
É tudo pra sempre
Ganância Luxúria Soberba Disputa
Inveja Delírio Amizade Família

É tudo o de sempre,
É tudo pra sempre
Traição Desespero Cair Levantar
Traição Desespero Viver é Lutar

No meio da ganância do delírio da disputa
Algum amor tem que esquentar o coração

E o que me aquece o coração
É estar na vida por um fio
E o que me aquece o coração
É estar na vida por um fio

Desencapado espírito
Me sinto mais vivo
Curtindo o perigo

Amando direto
Provocando quem for
Desafiando a mim mesmo

Do fundo do poço
Vem barulho de festa
Nem vem me dizer
Que o mundo não presta

Altos e baixos
O risco calculado
Sempre ao meu lado
Palácio exuberante
Fundo do poço excitante

Música de festa
Não vem me dizer
Que a vida não presta
Que o mundo não presta

Viver é lutar
Botar pra quebrar
Botar pra chorar
Botar pra gozar
Botar pra nascer

Desencapado espírito
A vida por um fio
Aquecendo o coração

Amando direto
Desafiando
Provocando quem for

Do fundo do poço
Vem barulho de festa
Nem vem me dizer
Que o mundo não presta

Quem é que não presta
Todo mundo vale a pena
Quem é que não presta
Todo mundo vale a pena

Altos e baixos
Palacete suntuoso
Muito fundo de poço
Com barulho de festa

Vai por mim
Já fui xerife
onde você nem imagina

Se Deus até duvida vou fazer o quê
Fazer o impossível pra ficar com você
Se Deus até duvida vou fazer o quê
Fazer o impossível pra ficar com você



Desencapado espírito
A vida por um fio
Aquecendo o coração


Amando direto
Desafiando
Provocando quem for

Do fundo do poço
Vem barulho de festa
Nem vem me dizer
Que o mundo não presta

Do fundo do poço
Vem barulho de festa
Nem vem me dizer
Que o mundo não presta

E o que me aquece o coração
É estar na vida por um fio
E o que me aquece o coração
É estar na vida por um fio



 **Fausto Fawcett** é escritor e compositor. Escreveu os livros *Santa Clara Poltergeist*, *Básico instinto* e *Copacabana lua cheia*. É autor de sucessos como "Kátia Flávia, a godiva do Irajá", "Rio 40 graus", "Garota sangue bom" e "Balada do amor inabalável". Vive no Rio de Janeiro (RJ).